

# AVATARAS

\*[Annie Besant](#)

Quatro Palestras Proferidas no 24º Encontro de Aniversário da Sociedade Teosófica em Adyar, Madras, em Dezembro de 1899.

Conteúdo

O QUE É UM AVATARA  
A ORIGEM E NECESSIDADE DE UM AVATARA  
ALGUNS AVATARAS ESPECIAIS  
SHRI KRISHNA

PRIMEIRA PALESTRA

O QUE É UM AVATARA

Irmãos: Em todas as vezes que aqui nos reunimos para estudar as verdades fundamentais de todas as religiões, não posso senão sentir quão vasto é o assunto, quão pequeno é quem lhes fala, quão grandioso é o horizonte que se abre diante de nossos pensamentos, quão estreitas são as palavras que tentam esboçá-lo para seus olhos. Ano após ano nos encontramos, vez após vez tentamos sondar alguns dos grandes mistérios da vida, do Eu [Self, no original; esta tradução será usada ao longo de todo o texto - NT], que forma o único assunto realmente digno do mais profundo pensamento do homem. Tudo mais é passageiro; tudo mais é transiente, tudo mais é apenas o brinquedo de um momento. Fama e poder, riqueza e ciência - tudo o que está neste mundo inferior é como nada ao lado da grandeza do Eu Eterno no universo e no homem - uma entre todas as suas múltiplas manifestações - maravilhoso e belo em todas as formas que Ele produz. E neste ano, de todas as manifestações do Supremo, vamos tentar estudar a mais santa das mais santas, aquelas manifestações de Deus no mundo nas quais Ele mostra-Se divino, vindo para auxiliar o mundo que Ele criou, resplandecendo em Sua natureza essencial, sendo a forma só um tênue véu que mal esconde a Divindade de nossos olhos. Como então arriscaremos nos aproximar disto, como tentaremos estudá-lo, senão como a mais profunda reverência, com a mais profunda humildade; pois se é preciso paciência, reverência e humildade de coração para o estudo de Suas obras, como então O estudaremos, cujas obras apenas parcialmente O revelam, quando tentamos entender o que queremos dizer por um Avatara, qual é o significado, qual é o propósito de tal revelação?

Nossa Presidente disse com verdade que em todas as fés do mundo existe a crença nestas manifestações, e que é verdadeira a antiga máxima - a de que é como o sinete na prata atestando que o metal é puro - esta antiga máxima é válida aqui, que o que quer e onde quer que isto tenha sido acreditado, em qualquer tempo em que tenha sido acreditado, e por quem quer que seja, que é verdade, que é realidade.

As religiões altercam sobre muitos detalhes, os homens disputam sobre muitas proposições; mas onde o coração humano e a voz humana falam a mesma palavra, ali temos a marca da verdade, ali temos o sinal da realidade espiritual. Mas tratando com este assunto uma dificuldade se apresenta, a vocês como ouvintes, a mim como oradora. Em todas as religiões nos tempos modernos a verdade é privada de suas proporções completas; o intelecto sozinho não pode apreender os muitos aspectos da verdade única. Assim temos escola após escola, filosofia após filosofia, cada uma mostrando um aspecto da verdade, e ignorando, ou mesmo negando, os outros aspectos que igualmente são verdadeiros. E não é tudo; à medida em que a era em que estamos passa de século a século, de milênio a milênio, o conhecimento se torna mais vago, a visão espiritual se torna mais rara, aqueles que repetem em muito ultrapassam o número dos que sabem; e aqueles que falam com visão clara da verdade espiritual estão perdidos entre as multidões, que só mantêm tradições cujas origens falham em entender. O sacerdote e o profeta, para usarmos duas palavras bem conhecidas, nos últimos tempos têm sempre entrado em conflito entre si. O sacerdote transmite as tradições da antigüidade; com excessiva freqüência ele perdeu o conhecimento que as tornaria reais. O profeta - vindo de tempos em tempos com a palavra divina quente como fogo em seus lábios - proclama a antiga verdade e ilumina a tradição. Mas os que se fixam nas palavras da tradição estão sujeitos a serem cegados pela luz do fogo e de chamarem de "herético" aquele que fala a verdade que eles perderam. Portanto, em religião após religião, quando surgiu algum grande Instrutor, houve oposição, clamores, rejeição, porque a verdade que ele falava era poderosa demais para ser confinada dentro dos limites de homens meio cegos. E num assunto como este que estudamos hoje, foram feitos certos sulcos, como se fossem trilhos, nos quais a mente humana corre, e sei que apresentando diante de vocês a verdade oculta, necessariamente deverei entrar em conflito, em alguns pontos, com uma tradição que mais é repetida de memória do que entendida, ou do que são captadas as verdades por trás. Perdoem-me então, meus irmãos, se em uma palestra sobre este grande tópico algumas vezes eu deva borrar algumas das linhas divisórias entre as diferentes escolas do pensamento Hindu; não posso, nem pretendo, estreitar a verdade que aprendi para adequá-la às limitações que nasceram da ignorância das idades, nem fazer aquela que é a verdade espiritual conforme às tradições vazias que foram deixadas nas fés do mundo. Pelo dever imposto sobre mim pelo Mestre a Quem sirvo, pela

verdade com que Ele espera que eu fale aos ouvidos de homens de todas as fés que há neste mundo moderno; por tudo isto eu lhes devo falar o que é verdadeiro, não importando se vocês concordem por ora; pois a verdade que é falada conquista a submissão depois, se não agora; e qualquer um que fale dos Rishis [santos - NT] da antigüidade deve falar das verdades que eles ensinaram em seus dias, e não repetir os meros lugares-comuns dos comentadores dos tempos atuais e as insignificantes ortodoxias que nos cerceiam de todos os lados e separam o homem do homem.

Proponho, a fim de simplificar este vasto assunto, dividi-lo em certas seções. Proponho primeiramente lembrar-lhes as duas grandes divisões reconhecidas por todos os que pensaram sobre este assunto; então tomar especialmente, para esta manhã, a questão "O que é um Avatara?". Amanhã apresentaremos e tentaremos responder, pelo menos em parte, à questão "Qual é a origem dos Avataras?". Então mais tarde abordaremos alguns Avataras especiais, tanto do cosmos quanto das raças humanas. Assim espero colocar-lhes uma sucessão de idéias clara e definida sobre este assunto, não lhes pedindo para acreditar nelas porque eu falo delas, não pedindo que as aceitem porque as profiro. Sua razão é o parâmetro ao qual toda verdade que é válida para vocês deve alinhar-se; e errarão profundamente, quase fatalmente, se deixarem a voz da autoridade impor-se onde vocês não concordarem com o que digo. Toda verdade só é verdade para vocês se assim lhes parecer, e se iluminar a mente; e por mais verdadeira que seja, a verdade não será verdade para vocês, a menos que seus corações se abram para recebê-la, como a flor se abre para receber os raios do sol matutino.

Primeiro, então, tomemos uma asserção que homens de todas as religiões aceitarão: manifestações Divinas de um tipo especial têm lugar de tempo em tempos à medida em que surge a necessidade de seu aparecimento; e estas manifestações especiais são distintas da manifestação universal de Deus em Seu cosmos; pois jamais esqueçamos que na menor das criaturas que povoa a Terra, assim como no mais excelso Deva, está presente Ishvara. Mas há certas manifestações especiais distintas desta auto-revelação geral no cosmos, e são estas manifestações especiais que são produzidas por necessidades especiais. Duas palavras têm sido especialmente usadas no Hinduísmo, fazendo alguma distinção na natureza da manifestação - uma, a palavra "Avatara", outra, a palavra "A'vesha". Só precisamos nos deter por um momento no sentido das palavras, importantes para nós na medida em que o significado literal das palavras aponta para diferenças fundamentais entre as duas. A palavra "Avatara", como sabem, tem como raiz "tri", passar por, e com o prefixo "ava" que é acrescentado, temos a idéia de descida, de alguém que desce. Este é o significado literal da palavra. A outra palavra tem como raiz "vish", permeando, penetrando, preenchendo, e aqui temos o pensamento de algo que é preenchido ou penetrado. De modo que enquanto no caso Avatara há o pensamento de

uma descida do alto, de Ishvara ao homem ou animal; no outro há antes a idéia de uma entidade já existente sendo influenciada, permeada, preenchida pelo poder divino, como se fosse especialmente iluminada. E então temos uma espécie de estágio intermediário, se podemos dizer assim, entre a manifestação divina no Avatara e no cosmos e a manifestação divina parcial que é preenchida pela influência do Supremo, ou de algum outro ser que praticamente domina o indivíduo, o Ego que assim é permeado.

Mas quais são as ocasiões que conduzem a estas grandes manifestações? Ninguém pode falar com maior autoridade neste ponto do que Aquele que veio Ele mesmo como um Avatara logo antes do início de nossa era, o próprio Divino Senhor Shri Krishna. Consultemos aquele maravilhoso poema, o Bhagavad-Gita, ao quarto Adhyaya [capítulo - NT], Shlokas [versos - NT] 7 e 8; lá Ele nos conta o que o trouxe ao nascimento neste Seu mundo na forma manifesta do Supremo:

"Quando o Dharma - a justiça, a lei - decai, quando Adharma - injustiça, desordem - é exaltado, então Eu mesmo venho: para a proteção do bem, para a destruição do mal; para o firme estabelecimento do Dharma, Eu nasço de idade em idade". Isto é o que Ele nos diz sobre a vinda do Avatara. Isto é, a necessidade de Seu mundo O chama a manifestar-Se em Seu poder divino; e sabemos de outro de seus ditos que além destas, que tratam das necessidades humanas, há certas necessidades cósmicas que nas idades primevas da história do mundo requereram manifestações especiais. Quando na grande roda da evolução tem de ser dada uma outra volta, quando alguma forma nova, algum novo modelo de vida está surgindo, então o Supremo também Se revela, encarnando o tipo que Ele então inaugura em Seu cosmos, e deste modo, para dar uma volta naquela roda eterna é que Ele vem como Ishvara. É este, então, falando mui genericamente, o significado da palavra e o objetivo da vinda.

Daqui podemos convenientemente passar à questão mais específica "O que é um Avatara?". E é aqui que devo pedir-lhes sua maior atenção, antes, sua consideração paciente, onde pontos em certa medida não familiares a vocês lhes forem apresentados; pois como eu disse, é a visão oculta da verdade o que vou parcialmente lhes revelar, e os que não tiverem assim estudado a verdade precisam pensar cuidadosamente antes de rejeitar, precisam ponderar longamente antes de refutar. Veremos, à medida em que tentarmos responder à questão, o quanto as grandes autoridades nos ajudam a entender, e o quanto a falta de conhecimento ao lermos tais autoridades tem conduzido ao mal-entendido. Vocês podem lembrar que o falecido erudito T. Subba Row, nas palestras que deu sobre o Bhagavad-Gita, apresentou-lhes uma determinada visão sobre o Avatara, a de que seria uma descida de Ishvara - ou, como ele disse, usando o termo Teosófico, o Logos, que é somente o nome grego para Ishvara - uma

descida de Ishvara unindo-Se com uma alma humana. Com todo o respeito pelo profundo conhecimento do lamentado pandit [sábio, brâmane erudito - NT], não posso senão pensar que esta é uma definição só parcial. Provavelmente na ocasião ele não desejou, mui possivelmente não teve tempo, de tratar caso por caso, tendo um campo tão vasto a cobrir no pequeno número de palestras que deu, e portanto selecionou uma só forma, diríamos, da auto-revelação, sem abordar as outras, que agora tratando propriamente do tema temos todo o tempo para estudar. Deixem-me então começar como se estivéssemos no início, e então citar-lhes algumas autoridades que podem tornar o panorama mais fácil de aceitar; deixem-me esclarecer, sem qualquer tentativa de velar ou tergiversar, o que realmente é um Avatara. Fundamentalmente Ele é o resultado da evolução. Em antiqüíssimos kalpas [período de duração de um universo - NT], em mundos outros que não este, melhor dizendo, em universos anteriores ao nosso, aqueles que viriam a ser Avataras subiram lentamente, passo a passo, a vasta escadaria da evolução, ascendendo do mineral à planta, da planta ao animal, do animal ao homem, do homem ao Jivanmukta [liberado, emancipado; o mesmo que Mahatma - NT], do Jivanmukta a cada vez mais alto, até a poderosa hierarquia que se estende para além d'Aqueles que Se libertaram dos limites da humanidade; até que finalmente, tendo assim subido, Eles descartaram não somente todos os limites do Ego separado, não apenas despedaçaram todas as limitações do Eu separado, mas penetraram no próprio Ishvara e Se expandiram na onisciência do Senhor, se tornando unos em conhecimento assim como sempre foram unos em essência com aquela Vida eterna de onde provieram originalmente, vivendo naquela vida, centros sem circunferência, centros vivos, unos com o Supremo. Lá, por trás de um tal Ser, se estende a longa cadeia de nascimentos sucessivos, de manifestações sucessivas. Durante o estágio no qual Ele era humano, durante a longa ascensão na escada da humanidade, houve duas características que distinguiram o futuro Avatara das fileiras humanas. Uma, sua absoluta bhakti, sua devoção ao Supremo; pois somente os que são bhaktas e uniram à sua bhakta o gnyana, ou conhecimento, podem atingir esta meta; pois pela devoção, diz Shri Krishna, um homem pode "entrar em Meu ser". E a necessidade de devoção para o futuro Avatara é esta: ele deve, mesmo na vida de Ishvara, manter o centro que ele construiu de modo que possa ser capaz de reunir a circunferência mais uma vez em torno daquele centro, a fim de poder vir como uma manifestação de Ishvara, uno dom Ele em conhecimento, uno com Ele em poder, o próprio Supremo em vida terrena; ele deve daí ter o poder de limitar-se à forma, pois nenhuma forma pode existir no universo exceto se existir um centro em torno do qual a forma é agregada. Ele deve ser devotado a ponto de querer permanecer a serviço do universo enquanto o próprio Ishvara habitá-lo, para compartilhar do contínuo sacrifício feito por Ele, o sacrifício por meio do qual o universo vive. Mas não só a devoção assinala este grande Ser que está subindo em seu caminho divino. Ele também deve ser, assim como Ishvara é, um amante da humanidade. A

menos que nele arda a chama do amor pelos homens - não, digo homens? É pouco - a menos que nele arda o amor por tudo o que existe, móvel e imóvel, neste universo de Deus, ele não será capaz de vir como Supremo, cuja vida e amor estão em tudo o que Ele criou a partir de Sua vida eterna e inexaurível. "Não há nada", diz o Bem-amado, "movendo-se ou não, que possa existir sem Mim" (Bhagavad-Gita, X, 39), e a menos que o homem possa trabalhar isso em sua natureza, a menos que ele possa amar tudo o que existe, não só o belo como também o disforme, não só o bem mas também o mal, não só o atraente mas também o repulsivo, a menos que ele veja em toda a forma o Eu, ele não poderá subir a áspera vereda que o Avatara deve trilhar.

Estas são, portanto, as duas grandes características do homem que se há de tornar a manifestação especial de Deus - bhakti, amor Àquele em Quem deverá imergir, e amor àqueles cuja própria vida é a vida de Deus. Somente se isso se manifestar no homem ele estará na senda que conduz a ser - em universos futuros, em kalpas muito, muito distantes - um Avatara vindo como Deus para o homem.

Mas nesta visão sobre a natureza de um Avatara levantam-se, eu sei, dificuldades; mas são dificuldades que surgem de uma visão parcial, e então desta visão, tendo sido meramente aceita, como uma regra, sob a autoridade de algum grande nome, em vez de ter sido pensada e completamente entendida pelo homem que repete o shibboleth [espiga, em hebreu. Nos tempos antigos esta palavra, devido às suas características fonéticas, foi usada como senha para distinguir os Galaaditas dos Efrainitas, que não conseguiam pronunciá-la direito. Aqui é usado significando a cartilha ou preceitos específicos de cada escola - NT] de sua própria seita ou escola. Uma vez assumida uma visão, cada texto em Shruti [a revelação transmitida escrituralmente - NT] ou Smriti [a tradição transmitida oralmente - NT] que vai contra aquela visão tem seu significado natural distorcido, a fim de concordar com a idéia que já domina a mente. Esta é a dificuldade em todas as religiões; um homem adquire sua visão pela tradição, pelo hábito, pelo nascimento, pela opinião pública, pelo ambiente de sua própria época e momento. Ele encontra nas escrituras - que não pertencem a nenhum tempo, nenhuma época, nenhuma era, e a nenhum povo, mas são expressões do eterno Veda [revelação - NT] - ele encontra nelas muitos textos que não se enquadram na estreita moldura que ele criou; e porque excessivas vezes ele se preocupa mais com a moldura do que com a verdade, ele manipula o texto até que possa enquadrá-lo, de algum modo deslocado; e a ingenuidade do comentador excessivas vezes aparece numa feição de modo que ele pode fazer as palavras parecerem significar o que não significam em seu sentido gramatical e óbvio. Assim, os homens de todas as escolas, sob os grandiosos nomes dos que conheciam a verdade - mas que só podiam dar a parcela da verdade que os opiniáticos homens da época eram capazes de receber - usam seus nomes para avaliar

interpretações errôneas, e assim continuamente são erguidos muros para bloquear a vida progressiva do homem.

Mas deixem-me tomar um exemplo de um dos maiores nomes, um que conhecia a verdade de que falava, mas que também, como todo instrutor, tinha que lembrar que enquanto era homem, falava para crianças que não poderiam compreender a verdade com entendimento adulto. Este grande instrutor, fundador de uma das três escolas de Vedanta, Shri Ramanujacharya, em seu comentário sobre o Bhagavad-Gita - uma obra inestimável que homens de todas as escolas poderiam ler com proveito - tratando da frase na qual Shri Krishna declara ter tido "bahuni janmani", muitos nascimentos, assinala quão vasta havia sido a variedade de tais nascimentos. Então, confinando-Se às Suas manifestações como Ishvara - isto é, depois de ter atingido o Supremo - Ele diz muito verdadeiramente que nasceu por Sua própria vontade; não porque o Karma O compelisse, não por qualquer força externa que O coagisse, mas que por Sua própria vontade veio como Ishvara e encarnou sob uma ou outra forma. Mas lá não é dito nada sobre os inumeráveis estágios atravessados pelo grande Ser antes de ter mergulhado no Supremo. Eles são deixados de lado, sem referência, despercebidos, porque o que o escritor tinha em vista era apresentar aos corações dos homens um grande Objeto para adoração, que poderia gradualmente elevá-los mais e mais para cima até que por sua vez o Eu pudesse desabrochar neles. Nenhuma palavra é dita sobre os kalpas anteriores, ou sobre os universos se estendendo para trás no passado ilimitável. Ele fala de Seu nascimento como Deva [nome dado aos anjos ou deuses, significa literalmente 'ser brilhante' ou 'ser que se move' - NT], como Naga [exotericamente significa serpente ou dragão, também o apelido esotérico dado aos ascetas iluminados - NT], como Gandharva [anjo da música ou do Verbo - NT], assim como as muitas formas que Ele assumiu por vontade própria. Como vocês sabem, ou podem verificar se consultarem o Shrimad-Bhagavata, há uma lista de manifestações muito mais longa do que as dez usualmente chamadas Avataras. São dadas uma após outra as formas que parecem estranhas ao leitor superficial quando associadas, no pensamento moderno, ao Supremo. Mas descobrimos uma luz sendo lançada sobre esta questão por algumas outras palavras do grande Senhor; e também encontramos em um afamado livro, cheio de sugestões ocultas - embora sem maiores explicações das sugestões dadas - o Yoga Vasishta, uma asserção claramente definida de que as deidades, como Mahadeva, Vishnu e Brahma, todas ascenderam aos elevados postos que ocupam (Parte II, cap. II, 14-16). E bem pode ser assim mesmo, se pensarmos nisso; não há nada derogatório a Eles neste pensamento; pois só existe uma Existência, a eterna fonte de tudo o que surge como separado, seja separado no universo como Ishvara, seja separado na cópia do universo que é o homem; só existe Um, sem um segundo; não há vida senão a Sua, nenhuma independência senão a Sua, nenhuma auto-existência senão a Sua, e nele Deuses e homens e todo o resto têm sua raiz e existem para

sempre em e através de Sua vida eterna única. Diferentes estágios de manifestação, mas o Eu Único em todos os diferentes estágios, o Único vivente em tudo; e se for verdade, como de fato é, que o Eu no homem é "não-nascido, constante, eterno, antigo", o é porque o Eu no homem é uno com o Único Auto-existente, e o próprio Ishvara é somente a poderosa manifestação daquele Um que não conhece outro junto a Si. Diz um poeta Inglês:

"Ele está mais perto que a respiração, mais próximo que as mãos e os pés".

O Eu está em vocês e em mim, assim como o Eu está em Ishvara, aquele Um, eterno, imutável, incorruptível, onde cada existência manifesta é só um raio da glória. Assim, é verdade o que é ensinado no Yoga Vasishtha; verdade é que mesmo o maior, diante de quem nos ajoelhamos reverentes, em idades passadas ascendeu de toda esfera humana para tornar-se uno com o Supremo, e mesmo lá, manifestar-Se para o mundo como Deus.

Mas agora chegamos a uma distinção que encontramos já feita, e é uma distinção real. Lemos sobre um Purnavatara, um Avatara pleno, completo. Qual é o sentido do termo "pleno" aplicado a um Avatara? A denominação é dada, como sabemos, a Shri Krishna. Ele é especialmente distinguido com este nome. De fato o termo "purna" não pode ser atribuído ao Ilimitável, ao Infinito; Ele não pode ser representado sob nenhuma forma; o olho jamais O pode contemplar; somente o espírito que é Ele mesmo pode conhecer o Único. O que queremos dizer então é que a manifestação do sem forma aparece até onde é possível dentro dos limites da forma, até onde for possível ser expresso naquele grande Ser que vem para ajudar o mundo. Isto pode ajudá-los a captar a diferença. Onde a manifestação é a de um Purnavatara, então a qualquer momento do tempo, à Sua vontade, pelo Yoga ou de outra maneira, Ele pode transcender todos os limites da forma na qual habita por vontade própria, e brilhar como o Senhor do Universo, dentro de Quem todo o universo está contido. Pensem por um momento novamente em Shri Krishna, que nos ensina muito sobre isso. Consultem aquele grande repositório da sabedoria espiritual, o Mahabharata, o Ashvamedha Parva que contém o Anugita, e descobrirão que Arjuna, depois da grande batalha, esquecendo o ensinamento que lhe foi dado em Kurukshetra, pediu ao seu Instrutor para repetir aquele ensino mais uma vez. E Shri Krishna, censurando-o pela inconstância de sua mente e dizendo que desagradava-O muito que tal ensinamento fosse esquecido, por inconstância, proferiu estas palavras notáveis: "Não Me é possível dizê-lo completamente daquele modo. Eu te falei sobre o Brahman Supremo, tendo-Me concentrado em Yoga". E então prossegue, dando a essência daquele ensinamento, mas não da forma sublime como temos no Bhagavad-Gita. Esta é uma coisa que lhes demonstra o que significa um Purnavatara; numa condição de Yoga, na qual entra à vontade, Ele se reconhece como Senhor de tudo, como o Supremo em Quem o Universo é construído. Mais,



três vezes pelo menos - não estou certa se pode ter havido mais casos, mas se for assim, no momento não posso lembrar - pelo menos três vezes durante Sua vida como Shri Krishna Ele Se mostra como Ishvara, o Supremo. Uma vez na corte de Dhritarashtra, quando o loucamente tolo Duryodana falou sobre aprisionar dentro das paredes de uma cela o Senhor universal a Quem o próprio universo não pode confinar; e para evidenciar selvagem estultice do príncipe arrogante, na corte, diante de todos os olhares, Ele se mostra como Senhor de tudo, preenchendo Terra e Céus com Sua glória, e todas as formas humanas e divinas, super-humanas e sub-humanas, foram vistas reunindo-se em torno d'Ele na vida de onde emergiam. Depois em Kurukshetra, para Arjuna, Seu amado discípulo, a quem Ele deu a visão divina para que ele pudesse contemplá-Lo em Sua forma Vaishnava, a forma de Vishnu, o Supremo Mantenedor do Universo. E mais tarde, em seu retorno para Dvaraka, encontrando com Utanka, Ele e o sábio acabaram por se desentender, e o sábio estava prestes a amaldiçoar o Senhor; para salvá-lo da loucura de proferir uma maldição contra o Supremo, como uma criança que atirasse um cascalho contra um rochedo de imemorial idade, Ele refulgiu diante dos olhos daquele que na verdade era Seu devoto, e mostrou-lhe a grande forma Vaishnava, a do Supremo. O que mostram estas manifestações? Que à Sua vontade Ele pode mostrar-Se como Senhor de tudo, deixando de lado os limites da forma humana na qual vivem os homens; deixando de lado a aparência tão familiar àqueles ao Seu redor, Ele pode revelar-Se como o poderoso Um, Ishvara, a vida de tudo. Este é o sinal do Purnavatara; sempre ao seu alcance está o poder de mostrar-Se como Ishvara.

Mas por que - o pensamento pode surgir em suas mentes - não são todos os Avatares deste tipo, uma vez que todos são do Senhor Supremo? A resposta é que por Sua vontade, por Sua própria Maya, Ele vela-Se dentro dos limites que servem às criaturas a quem veio ajudar. Ah, quão diferente é Ele, este Poderoso ser, de vocês e de mim! Quando falamos para alguém que sabe um pouco menos que nós, falamos tudo que sabemos para demonstrar nosso conhecimento, expandindo-nos ao máximo para espantarmos e maravilhamos aquele a quem falamos; isto porque somos tão pequenos que tememos que nossa grandeza não seja reconhecida a menos que nos façamos tão grandes a ponto de espantar, se possível, aterrorizar; mas quando Ele vem, quem é grande realmente, quem é mais poderoso do que qualquer coisa que Ele faça? Ele se faz pequeno a fim de auxiliar aqueles a quem ama. E vocês sabem, meus irmãos, que somente na medida em que Seu espírito penetra em nós é que podemos em nosso diminuto alcance nos tornar auxiliares no universo do qual Ele é a única vida; até que nós, em todos nossos atos e palavras, nos coloquemos dentro e não fora daquele a quem queremos ajudar, sentindo como ele sente, pensando como ele pensa, conhecendo por algum tempo como ele conhece, com todas as suas limitações, mesmo que possa haver maior conhecimento além, não poderemos ajudar realmente; esta é a condição

para toda ajuda verdadeira dada de um homem para outro, assim como é a única condição da ajuda que é dada para o homem pelo próprio Deus.

E assim em outros Avataras, Ele limita-Se por amor dos homens. Vejam o grande rei, Shri Rama. O que ele veio mostrar? O kshatriya [guerreiro, nome de uma das castas da Índia - NT] ideal, em cada relação da vida kshatriya; como filho - perfeito como filho de um pai amoroso e de uma madrasta na época ciumenta e desagradável. Pois vocês podem lembrar que quando a esposa do pai que não era a sua mãe verdadeira expulsou-O para a floresta na própria véspera de Sua coroação como herdeiro, Sua amável resposta foi: "Mãe, eu vou". Perfeito como filho. Perfeito como marido; se Ele não tivesse Se limitado por vontade própria para demonstrar o que um esposo deveria ser para a esposa, como Ele poderia, na floresta, quando Sita havia sido raptada por Ravana, ter mostrado a dor, ter emitido os piedosos lamentos, que arrancaram lágrimas de milhares de olhos, quando ele apela para plantas e árvores, para animais e pássaros, para Deuses e homens, para que Lhe digam para onde tinha ido Sua esposa, Seu outro eu, a vida de Sua vida? Como Ele poderia ter ensinado os homens o que a esposa deveria ser para o coração do esposo, se não tivesse Se limitado? A Deidade conscientemente Onisciente não poderia buscar e procurar por Sua amada que tinha desaparecido. E depois como rei, um rei perfeito, como era um filho e esposo perfeitos. Quando o bem-estar de Seus súditos estava em jogo, quando devia pensar na segurança do reino, quando lembrava que Ele como rei representava Deus e devia ser perfeito aos olhos dos Seus súditos, de modo que eles pudessem prestar a obediência e lealdade que os homens só podem dar a alguém que reconheçam como maior que eles mesmos, então mesmo Sua esposa era posta de lado; então a prova do fogo para a imaculada e sofredora Sita; então Ela devia passar pelo teste para demonstrar que nenhum pecado ou mácula Lhe sobreviera com o toque enlouquecido de Ravana, o Rakshasa [na terminologia popular hindu, um demônio - NT]; então a demanda de que antes que o coração do esposo que havia se partido pudesse abraçar novamente a esposa Ela deveria mostrar-se pura como mulher; e tudo isto porque Ele era rei e esposo, e no trono que o povo honrava como divino só deveria haver pureza, imaculada como a neve que cai. Estas limitações foram necessárias a fim de que pudesse ser dado um exemplo perfeito aos homens, e os homens pudessem aprender a se elevar por imitação das virtudes, tornadas pequenas para que seus diminutos entendimentos pudessem compreendê-las.

Chegamos à segunda classe de manifestações, àquela a que aludi no início como estando reunidas sob o nome genérico de Avesha. Neste caso não sucede que um homem no passado tivesse ascendido e se tornado uno com Ishvara; mas que um homem subiu tanto e se tornou tão grande, tão perfeito em sua humanidade, e tão cheio de amor e devoção a Deus e ao homem, que Deus é capaz de penetrá-lo com um pouco de Sua própria

influência, Seu próprio poder, Seu próprio conhecimento, e enviá-lo para o mundo como uma manifestação super-humana de Si mesmo. O Ego individual permanece; esta é a grande diferença. O homem está lá, embora o poder que esteja agindo é o Deus manifesto. Portanto a manifestação será colorida pelas características peculiares daquele sobre quem é feita esta ofuscação ['overshadowing', no original. Tem um sentido difícil de ser traduzido, significando literalmente ensombrecimento, obscuração; isto porém no que tange àquele Ego, pois na prática o efeito é o de uma inundação de luz superior que então ofusca ou suplanta a individualidade sobre a qual recai e através da qual brilha - NT]; e seremos capazes de perceber no pensamento deste instrutor inspirado, as características da raça, do indivíduo, da forma de conhecimento que pertence àquele homem na encarnação em que a grande ofuscação tem lugar. Esta é a diferença fundamental.

Mas aqui descobrimos de imediato que existem graus infinitos, variedades sem fim, e podemos seguir passo a passo para baixo na escadaria da evolução cada vez mais inferior, até chegarmos aos graus menores a que chamamos inspiração. Em um caso de Avesha isso geralmente continua por uma grande parte de sua vida, geralmente a porção final, e comparativamente só em raro é retirada. A inspiração, como geralmente é compreendida, é uma coisa mais parcial, mais temporária. O poder divino desce, ilumina e irradia o homem naquele momento, e ele fala enquanto isso com uma autoridade, com um conhecimento, que em estado normal ele seria provavelmente incapaz de manter. Estes são os profetas que têm iluminado o mundo idade após idade; estes foram, antigamente, os brâmanes [sacerdotes; a casta superior da Índia, responsável pela preservação da lei divina e das tradições e cultos - NT] que eram a boca de Deus. Assim de fato a distinção não é entre sacerdote e profeta como eu havia dito; ambos se unem na iluminação única, e o ensinamento do sacerdote e a pregação do profeta correm ao longo das mesmas linhas e apresentam as mesmas grandes verdades. Mas nos últimos tempos a distinção surgiu por falha do sacerdócio, quando o sacerdote se desvia por dinheiro, por fama, por poder, por todas as coisas que só as almas jovens deveriam se interessar - brinquedos humanos com que brincam os bebês humanos, e agem sabiamente fazendo assim, pois crescem com isso. Então os sacerdotes se tornaram formais, os profetas, mais e mais raros, até que o grande fato da inspiração foi deixado inteiramente no passado, como se Deus ou o homem se tivessem modificado, o homem já não divino em sua natureza, Deus já não querendo falar palavras para os ouvidos dos homens. Mas a inspiração é um fato em todas as etapas; e vai muito, muito mais longe do que alguns de vocês podem imaginar. A inspiração dos profetas, espiritualmente poderosa e convincente, é necessária, e eles vêm ao mundo para dar um novo impulso à verdade espiritual. Mas há uma inspiração geral que qualquer um pode compartilhar se tentar expressar a vida divina da qual nenhum homem está excluído, pois todo filho do homem é filho de Deus.

Foram vocês alguma vez raptados durante um momento para os reinos superiores, mais pacíficos, quando encontraram com algo de beleza, de arte, das maravilhas da ciência, da grandiosidade da filosofia? Já perderam alguma vez de vista a pequenez da Terra, dos problemas triviais, das preocupações e aborrecimentos menores, e se sentiram erguidos para uma região mais calma, em uma luz que não é a luz da Terra comum? Já quedaram defronte de alguma pintura excepcional, onde a paleta do pintor imprimiu na tela todos os tons de formosas cores que a arte pode oferecer à visão humana? Ou já viram em alguma escultura primorosa as graciosas curvas vivas que o cinzel libertou da aspereza do mármore? Ou já ouviram quando o mais divinal encanto da música os elevou, passo a passo, até que lhes pareceu quase de ouvir cantar os Gandharvas e o som da divina flauta ser derramado ecoando nos mundos inferiores? Ou alguma vez já ficaram no alto de uma montanha com as neves ao redor, e sentiram a grandiosidade da natureza imóvel que revela Deus tanto quanto o espírito humano? Ah, se conheceram algum destes pacíficos lugares no deserto da vida, então sabem como a inspiração é onipresente; quão maravilhosamente a beleza e poder de Deus se espelham no homem e no mundo; então vocês sabem, se nunca souberam antes, da verdade daquela grande proclamação de Shri Krishna, o Bem-amado: "O que quer que seja régio, bom, belo, e grandioso, entendei que provém de Meu Esplendor" (Bhagavad-Gita, X, 41); tudo é o reflexo daquele tejas [esplendor, radiância - NE] que é Seu e só Seu. Pois não há nada no universo que seja privado de Seu amor e vida; assim não há beleza que não seja Sua beleza, que não seja um raio do esplendor ilimitado, um tênue fulgor da imorredoura fonte de vida.

## SEGUNDA PALESTRA

### A ORIGEM E NECESSIDADE DE AVATARAS

Irmãos: Vocês lembrarão que ontem, ao dividir o assunto em diferentes seções, eu coloquei certas questões de que trataríamos em ordem. Ontem tratamos da questão "O que é um Avatara?". A segunda questão que vamos tentar responder, "Qual é a origem dos Avataras?", é uma questão que nos conduz profundamente dentro dos mistérios do cosmos, e é preciso que pelo menos esboçemos o crescimento e evolução do cosmos a fim de darmos uma resposta inteligível. Espero hoje ser capaz também de tratar da questão seguinte, "Como surge a necessidade de Avataras?". Isto nos deixará para amanhã o tema dos Avataras especiais, e tentarei, se possível, durante o discurso de amanhã, abordar nove Avataras dos dez reconhecidos como distintos de todas as outras manifestações do Supremo. Então, se eu for capaz de cumprir esta promessa, teremos mais uma manhã livre, e esta eu proponho dedicar inteiramente ao estudo do maior de todos os Avataras, o próprio Senhor Shri Krishna, tentando, se possível, destacar as principais características de Sua vida e Sua obra, e, se puder, analisar e

responder a algumas objeções dos ignorantes que, especialmente nos últimos tempos, têm sido levantadas contra Ele por aqueles que não entendem nada de Sua natureza, nada do trabalho grandioso que Ele veio completar no mundo.

Mas iniciamos hoje procurando uma resposta para a questão "Qual é a origem dos Avataaras?", e é provável que eu tome uma linha de pensamento pouco familiar, como que levando-nos para fora das linhas costumeiras de nosso estudo que tratam mais da evolução do homem, da natureza espiritual nele. Ela nos leva para aqueles antiqüíssimos tempos, para nós quase incompreensíveis, quando nosso universo estava vindo à manifestação, como se fosse quando suas primeiras fundações estavam sendo lançadas. Ao respondermos à questão, contudo, a mera resposta é simples. Ela é reconhecida em todas as religiões que admitem encarnações divinas - e isso inclui as maiores religiões do mundo - e é a admissão de que a origem dos Avataaras, a fonte das encarnações Divinas, é a segunda, ou intermediária, manifestação da Santíssima Trindade. Não importa se junto aos Hindus falemos da Trimurti, ou se com os Cristãos falemos da Trindade, a idéia fundamental é uma e a mesma. Tomando primeiro por um momento a simbologia Cristã, vê-se que todo Cristão nos diz que a única encarnação divina reconhecida no Cristianismo - pois no Cristianismo acredita-se em somente uma encarnação especial - é a da Segunda Pessoa da Trindade, conforme a nomenclatura Cristã para a encarnação divina ou Avatara. Nenhum Cristão lhes dirá que houve alguma vez uma encarnação de Deus Pai, a Fonte primeva da vida. Eles jamais lhes dirão que já houve uma encarnação da Terceira Pessoa da Trindade, o Espírito Santo, o Espírito da Sabedoria, da Inteligência criativa, que construiu os materiais do mundo. Mas sempre dirão que foi a Segunda Pessoa, o Filho, que assumiu forma humana, que apareceu à semelhança da humanidade, que se manifestou como homem para auxiliar a salvação do mundo. E se analisarmos o que querem dizem com esta frase, o que, para a mente do Cristão, é veiculado pelo pensamento sobre a Segunda Pessoa da Trindade - pois lembrem, ao lidar com uma religião que não é a sua, deveriam procurar pensar não na forma, mas deveriam olhar para a idéia e não para o rótulo, pois os pensamentos são universais enquanto que a forma separa, as idéias são idênticas, enquanto que os rótulos são marcas de separação - se procurarem pelo pensamento subjacente, o encontrarão nisto: o sinal da Segunda Pessoa da Trindade é a dualidade; e ainda, Ela é a vida subjacente do mundo; por Seu poder os mundos são feitos, e são sustentados, mantidos, e protegidos. Verão que enquanto do Espírito da Sabedoria diz-se que instaura a ordem na desordem, traz o cosmos a partir do caos, que é pelo Verbo de Deus manifesto, ou Segunda Pessoa da Trindade, é por Ela que todas as formas são construídas neste mundo, e é especialmente à Sua imagem que o homem é feito. Então ainda quando nos voltamos para o que será mais familiar à vasta maioria de vocês, a simbologia do Hinduísmo, verão que todos os Avataaras têm sua origem em

Vishnu, n'Ele que penetra o universo, como implica o próprio nome de Vishnu, que significa Mantenedor, Protetor, a Vida imanente e onipenetrante pela qual o universo é mantido unido, e pela qual é sustentado. Tomando os nomes da Trimurti tão familiares a nós todos - não os nomes filosóficos Sat, Chit, Ananda, aqueles nomes que na filosofia demonstram os atributos do Brahman Supremo - tomando a idéia concreta, temos Mahadeva ou Shiva, Vishnu, e Brahma: três nomes, exatamente como nas outras religiões temos três nomes; mas ressalta o mesmo fato, de que é o intermediário ou central dos Três que é a fonte dos Avatares. Nunca houve um Avatara direto do próprio Mahadeva, ou Shiva. Aparições? Sim. Manifestações? Sim. Vindo à forma para um propósito especial servido por aquela forma? É claro. Vejam o Mahabharata, e O verão aparecendo sob a forma de caçador, o Kirata, e testando a intuição de Arjuna, e lutando com ele para testar sua força, sua coragem, e finalmente a sua devoção a Si mesmo. Mas esta é uma mera forma assumida com um propósito e deposta quando o propósito é cumprido; quase, diríamos, uma mera ilusão, produzida para servir a um propósito especial e então descartada ao completar-se o que foi planejado para que fizesse. Repetidas vezes se encontram tais aparições de Mahadeva. Vocês podem lembrar de uma belíssima história, na qual Ele aparece na forma de um Chandala [um pária, equivalente a um lixeiro - NE] no portão de Sua própria cidade de Kashi, quando um que foi especialmente ofuscado por uma manifestação de Si mesmo, Shri Shankaracharya, estava chegando com seus discípulos à cidade santa - pois para Ele todas as formas são o mesmo, as diferenças humanas não passam de grãos de areia que se desvanecem diante da majestade de Sua grandeza - Ele jogou-Se no pó diante do portão, de modo que o grande instrutor não pudesse atravessá-lo sem tocar n'Ele, e ele pediu ao Chandala para abrir caminho a fim de que o brâmane pudesse prosseguir sem poluir-se pelo toque do pária; então o Senhor, falando através da forma que escolhera, censurou aquele mesmo indivíduo que Seu poder ofuscara, fazendo-lhe perguntas que ele não pôde responder, esmagando seu orgulho e ensinando-lhe assim a humildade. Tais formas Ele realmente assumiu, mas não são o que chamamos Avatares; são meras formas passageiras, e não manifestações sobre a Terra onde é vivida uma vida e uma grande drama é encenado. Do mesmo modo com Brahma; também Ele apareceu de tempos em tempos, manifestou-Se para algum propósito especial; mas não há nenhum Avatara de Brahma, a quem pudéssemos aplicar este termo definido e bem compreendido.

Mas para este fato deve haver alguma razão. Por que é que não encontramos a origem dos Avatares igualmente em todas estas grandes manifestações divinas? Por que eles provêm só de um aspecto, o aspecto de Vishnu? Não preciso lhes lembrar que só existe um Eu, e que estes nomes que empregamos são os nomes dos aspectos que são manifestos pelo Supremo; não devemos separá-los tanto a ponto de perder de vista a unidade fundamental. Pois lembrem como, quando um adorador de Vishnu

teve um sentimento em seu coração contra um adorador de Mahadeva, quando ele fez uma reverência diante da imagem de Hari, a face da imagem se dividiu em duas, e Shiva ou Hara apareceu em um lado e Vishnu ou Hari apareceu no outro, e as duas, sorrindo como uma só face para o adorador confundido, disseram-lhe que Mahadeva e Vishnu eram um só. Mas em Suas funções surge uma distinção; Elas se manifestam como se fosse ao longo de linhas diferentes, no cosmos e para o auxílio do homem; para Ele não, mas para nós, realmente surgem estas linhas de aparente separação.

Olhando assim, seremos capazes de encontrar a resposta para nossa questão, não somente quem é a origem dos Avataras, mas por que Vishnu é a origem. E é aqui que eu chego à parte não familiar, onde eu terei de lhes pedir sua especial atenção ao considerar a construção do universo. Agora estou usando a palavra "universo" no sentido de nosso sistema solar. Há muitos outros sistemas, cada qual completo em si mesmo e, portanto, corretamente chamado de um cosmos, um universo. Mas cada um destes sistemas por sua vez é parte de um sistema ainda mais grandioso, e nosso Sol, o centro de nosso sistema, embora seja em verdade o corpo físico manifesto do próprio Ishvara, não é o único sol. Se vocês olharem através dos vastos campos do espaço, lá estarão miríades de sóis, cada um o centro de seu próprio sistema, de seu próprio universo; e nosso Sol, supremo para nós, é como se não passasse de um planeta num sistema mais vasto, e sua órbita gira em torno de um sol maior que ele mesmo. Então aquele sol, por sua vez, em torno do qual nosso Sol está girando, é um planeta para um sol ainda mais grandioso, e cada conjunto de sistemas por sua vez circula em torno de um sol mais central, e assim por diante - não sabemos até onde pode se estender esta cadeia que para nós é ilimitável: pois quem é capaz de sondar as profundezas e altitudes do espaço, ou encontrar uma circunferência manifesta que abranja todos os universos! Antes podemos dizer que eles são infinitos em número, e que não há fim para as manifestações da Vida única.

Mas isso é verdadeiro fisicamente. Olhem para o universo físico com o olho do espírito, e verão nele uma imagem do universo espiritual. Uma grande instrução foi dada por um dos Mestres ou Rishis, a Quem nesta Sociedade honramos e cujos ensinamos seguimos. Falando a um de Seus discípulos, ou pupilos, Ele censurou-o, em palavras inesquecíveis para aqueles que as leram: "Você sempre olha para as coisas do espírito com os olhos da carne. O que você deveria fazer é olhar para as coisas da carne com os olhos do espírito". Mas o que isto significa? Significa que em vez de tentarmos degradar o espiritual e limitá-lo dentro das estreitas amarras do físico, e falar que o espiritual não pode existir porque o cérebro humano não é capaz de captá-lo com clareza, nós deveríamos olhar o universo físico com uma penetração mais profunda e ver nele a imagem, a sombra, o reflexo do mundo espiritual, e aprender as verdades espirituais pelo estudo das imagens que existem dele no mundo físico ao nosso redor. O mundo físico é

mais fácil de entender. Não pensem que o mundo espiritual é modelado a partir do físico; o físico é fundamentalmente modelado a partir do espiritual, e se olharem para o físico com o olho do espírito, então vocês descobrirão que ele é a imagem do superior, e então vocês serão capazes de compreender a verdade mais elevada pelo estudo dos pálidos reflexos que vêm no mundo em seu redor. Isto é o que lhes peço agora para fazer. Exatamente como se têm sol e sóis, muitos universos, cada um parte de um sistema maior que ele mesmo, também no universo espiritual há hierarquia após hierarquia de Inteligências espirituais que são como os sóis do mundo espiritual. Nosso sistema físico tem como seu centro a grande Inteligência espiritual manifesta como uma Trindade, o Ishvara do sistema. Então além d'Ele existe um Ishvara maior, em torno de Quem circulam Aqueles que estão no nível do Ishvara de nosso sistema, vendo-O como Sua vida central. E além d'Aquele há ainda outros e outros, até que os universos físicos passem para além de nosso entendimento, a hierarquia espiritual se estenda também além de nosso pensamento e, maravilhados e cegos pelo esplendor, caímos de volta à Terra, assim como Arjuna, cego quando a forma Vaishnava resplandeceu para ele, e exclamamos: "Oh, mostra-nos novamente Tua forma mais limitada, para que possamos reconhecê-la e viver por ela. Ainda não estamos prontos para as manifestações mais grandiosas, estamos cegos, desvalidos, por fulgor tamanho de esplendor divino!".

E assim vemos que se formos aprender devemos nos limitar - melhor, devemos tentar nos expandir - até os limites de nosso próprio sistema. Por quê? Tenho encontrado pessoas que realmente não têm a menor idéia sequer deste pequeno mundo, deste grão de pó em que vivem, mas que não podem se contentar a não ser que você responda a questões sobre a Existência Única, o Para-Brahma, a Quem os sábios reverenciam em silêncio, sem tentar explicar nem com a mente iluminada que conhece a vida nirvânica e se expandiu até a consciência nirvânica. Quanto mais ignorante o homem, mais ele pensa que consegue entender. Quanto menos compreende, mais se ressentem se lhe dizem que há certas coisas além do alcance do seu intelecto, existências tão grandiosas que ele não pode sequer sonhar com mesmo os menores dos atributos que as caracterizam. E de minha parte, eu que me reconheço ignorante, que sei que podem passar muitas eras antes que eu seja capaz de pensar em tratar destes problemas tão profundos, às vezes aquilato a ignorância do questionador pelas perguntas que ele me faz sobre as derradeiras existências, e quando ele quer saber sobre o que ele chama de origens primevas, sei que ele não compreendeu nem um milésimo da origem da qual ele mesmo veio. Portanto, digo-lhes francamente que estes Seres grandiosos a Quem reverenciamos são os Deuses de nosso sistema; além d'Eles existem Seres ainda mais grandiosos, a Quem, talvez, daqui a miríades de kalpas possamos começar a entender e reverenciar.



Confinemo-nos então ao nosso próprio sistema e fiquemos felizes se pudermos apanhar algum raio da glória que o ilumina. Vishnu tem Suas próprias funções, assim como as têm Brahma e Mahadeva. O primeiro trabalho neste sistema é feito pelo Terceiro dos Grandes Seres da Trimurti, Brahma, como sabem, pois vocês hão de ter lido que a Inteligência criativa surgiu como a Terceira das manifestações divinas. Não me importo com qual simbologia estejam tomando, talvez a do Vishnu Purana seja a mais familiar, onde o Vishnu não-manifesto está debaixo das águas, aparecendo como o Primeiro da Trimurti, então o Lótus como o Segundo, e o Lótus aberto representado Brahma, o Terceiro, a Mente criativa. Pode-se lembrar que a obra da criação começou com Sua atividade. Quando estudamos do ponto de vista oculto no que consistia esta atividade, descobrimos que consistia em impregnar a matéria do sistema solar com Sua própria vida; que Ele deu Sua própria vida para construir forma após forma de átomos, para fazer as grandes divisões no cosmos; que Ele formou, um após outro, os cinco tipos de matéria. Trabalhando através de Sua mente - às vezes Ele é chamado de Mahat, o grande Ser, a Inteligência - Ele formou Tattvas um após outro. Tattvas, vocês lembrarão do ano passado, são os fundamentos dos átomos, e há cinco deles manifestos no presente. Este é Seu trabalho específico. Então Ele medita, e as formas - como pensamentos - surgem. E assim se pode dizer que Seu trabalho manifesto termina, embora Ele mantenha sempre a vida do átomo. Até onde interessa ao trabalho ativo do cosmos, Ele abre caminho para a próxima das grandes forças que deve operar, a força de Vishnu. Seu trabalho é reunir aquela matéria que foi criada, modelada, preparada, vivificada, e construí-la sob formas definidas segundo as idéias criativas produzidas pela meditação de Brahma. Vishnu dá à matéria uma força coesiva; Ele lhe dá as energias que mantêm as formas íntegras. Nenhuma forma existe sem Ele, seja móvel ou imóvel. Quão freqüentemente Shri Krishna, falando como o Supremo Vishnu, enfatiza este fato de que Ele é a vida em cada forma; sem ela a forma não poderia existir, sem ela a forma retornaria aos seus elementos primitivos e já não se manteria como forma. Ele é a vida onipresente; "Sustentador do Universo" é um de Seus nomes. Mahadeva tem uma função diferente no universo; Ele é especificamente o grande Yogi; Ele é especificamente o grande Instrutor, o Mahaguru; Ele é chamado às vezes de Jagatguru, o Instrutor do Mundo. Repetidamente - tomando um exemplo comparativamente mais recente, como o Gurugita - encontramos-Lo como o Instrutor, a Quem Parvati solicita instrução sobre a natureza do Guru. Ele é Quem define o trabalho do Guru, Ele é Quem inspira o ensino do Guru. Cada Guru na Terra é um reflexo de Mahadeva, e é a Sua vida o que lhe é incumbido dar ao mundo. Yogi, imerso em contemplação, sempre assumindo a forma de asceta - isto caracteriza Suas funções. Pois os símbolos pelos quais os grandes Seres são representados nos ensinamentos não são destituídos de significado, mas estão repletos do mais profundo sentido. E quando O vemos representado como o eterno Yogi, com a corda em Sua mão, sentado em contemplação ascética, isto

significa que Ele é o ideal supremo de vida ascética, e que os homens que estão especialmente sob Sua influência devem deixar casa, família e as linhas normais de evolução, e dedicar-se a uma vida de renúncia, para participarem, por mais fracamente que seja, naquele poderoso yoga pelo qual o universo é mantido vivo.

Ele então não Se manifesta como Avatara, mas tais manifestações provêm d'Ele que é o Deus, o Espírito, da evolução, Aquele que faz evoluírem as formas todas. Eis porquê de Vishnu provêm todos os Avatares. Pois é Ele que por Seu amor infinito reside em todas as formas que criou; com uma paciência que nada pode exaurir, com um amor que não pode cansar-se, com uma tranqüila e calma perseverança que nenhuma sandice humana pode perturbar de sua paz eterna. Ele vive em cada forma, modelando-a segundo o modelo, desenhando-a como ela se seguisse ao Seu impulso, atando-Se, limitando-Se a fim de que Seu universo possa crescer, Senhor da vida e beatitude eternas, morando em cada forma. Se compreenderem isto, não será difícil dizer o motivo por que só d'Ele vêm os Avatares. Quem mais assumiria uma forma senão Aquele que dá forma? Quem mais trabalharia com este interminável amor senão Ele, que enquanto dura o universo, une-Se a ele para que o universo possa viver e enfim participar de Sua liberdade? Ele está atado para que o universo possa libertar-se. Quem mais, então, apareceria quando surge uma necessidade especial?

E Ele é Quem dá os grandes protótipos. Deixem-me lembrá-los do Shrimad-Bhagavata, onde, num dos primeiros capítulos do Livro I, o capítulo 3, é dada uma longa lista das formas que Vishnu assumiu, não somente os grandes Avatares, mas também um grande número de outras. É dito que Ele apareceu como Nara e Narayana; é dito que Ele apareceu como Kapila; tomou também formas femininas, e assim por diante, sendo dada toda uma enorme lista das formas que assumiu. E, passando daí para uma iluminadora passagem no Mahabharata, O encontramos sob a forma de Shri Krishna, explicando uma verdade profunda a Arjuna.

Lá Ele dá a lei desta aparições: "Quando, oh filho de Pritha, Eu vivo nas hostes das deidades, então lá Eu ajo em todos os sentidos como uma deidade. Quando Eu vivo nas fileiras dos Gandharvas, então Eu ajo em todos os sentidos como um Gandharva. Quando Eu vivo na ordem dos Nagas, Eu ajo como um Naga. Quando Eu vivo nas classes dos Yakshas [um tipo de demônio - NT], ou nas dos Rakshasas, Eu atuo segundo a maneira daquelas classes. Nascido agora na ordem da humanidade, Eu devo agir como um ser humano". Uma verdade profunda que poucos nos tempos modernos reconhecem. Cada tipo de vida no universo, em seu próprio lugar, é bom; toda espécie no universo, em seu lugar próprio, é necessária. Não há vida exceto a Sua; como então poderia algum tipo vir à existência separado da vida universal, se separado nada pode existir?

Nós falamos em formas boas e más, e corretamente, a respeito de nossa própria evolução. Mas do ponto de vista mais amplo do cosmos, bom e mau são termos relativos, e tudo é muito bom na visão do Supremo que vive em cada uma. Como poderia um tipo vir à existência se Ele não viver nele? Como poderia qualquer coisa viver e se mover, se não tivesse seu ser n'Ele? Cada tipo tem sua função; cada tipo tem seu lugar; o tipo dos Rakshasas e o tipo dos Devas, dos Asuras e dos Suras. Deixem-me dar um curioso e simples exemplo, que não obstante tem certa força ilustrativa. Você tem uma vara que deseja mover, e a vara está num pino, como a montanha que surge no meio do oceano, uma vara com duas extremidades, que chamaremos positiva e negativa. O lado positivo, diríamos, é empurrado para o lado do rio [o rio que passa diante da sede da Sociedade Teosófica em Adyar - NE]. O lado negativo é empurrado para que lado? O oposto. E os que a empurram têm suas faces voltadas para a direção oposta. Um homem olha para o rio, o outro homem volta suas costas para ele, olhando para direções opostas. Mas a vara gira em uma direção, embora eles empurrem em direções opostas. Eles estão trabalhando em torno do mesmo círculo, e a vara gira mais rápido porque é empurrada em suas duas extremidades. Esta é uma imagem do nosso universo. A força positiva chamamos Deva ou Sura; sua face é voltada, parece, para Deus. A força negativa chamamos Rakshasa ou Asura; sua face, parece, está voltada para longe de Deus. Mas não! Deus está em todas as partes, em cada ponto do círculo sobre onde andam; e eles andam neste Seu círculo e cumprem Sua vontade e nada além disto; e tudo, enfim, encontra repouso n'Ele.

Portanto o próprio Shri Krishna pode encarnar-Se sob forma de Rakshasa, e enquanto naquela forma Ele agirá como Rakshasa e não como Deva, fazendo aquela parte da obra divina com a mesma perfeição com que faz a outra, a que os homens em sua limitação chamam de boa. Uma grande verdade difícil de captar. Logo deverei voltar a isto ao falar de Ravana, um dos mais poderosos tipos de Rakshasa, senão o maior deles. E veremos, se pudermos acompanhar, como a verdade profunda atua. Mas se nas mentes de alguns de vocês houver alguma hesitação em aceitar isto, lembrem-se, de que as palavras que leio não são minhas, mas são as do Senhor que falou de Sua própria encarnação; Ele deixou registrado, para sua instrução, que Ele encarnou-Se em forma de Rakshasa e agiu segundo a maneira daquela ordem.

Deixando isto de lado por enquanto, há um outro ponto que devo abordar, antes de falar da necessidade de Avatars, e é este: quando as grandes Deidades centrais já se manifestaram, então surgem d'Elas sete Deidades, poderíamos dizer, numa segunda ordem. Na Teosofia Elas são chamadas de os Logoi planetários, para distinguí-las do grande Logos solar, a Vida central. Cada uma d'Elas está associada com um dos sete planetas sagrados, e com a cadeia de mundos relacionada com aquele planeta.

Nosso mundo é um dos elos nesta cadeia, e vocês e eu passamos por esta cadeia em encarnações sucessivas nas grandes etapas da vida. O mundo - nosso mundo atual - é o globo central de uma destas cadeias. Um Logos da ordem secundária preside sobre a evolução desta cadeia de mundos. Ele apresenta três aspectos, reflexos dos grandes Logoi que estão no centro do sistema. Talvez já tenham lido sobre o lótus de sete pétalas, o Saptaparnapadma; visto com a visão superior, contemplado com a visão aberta do vidente, este grandioso grupo de Seres criativos e dirigentes se parece como o lótus com suas sete pétalas, e os Grandes Seres são o coração do lótus. É como se pudéssemos ver uma grande flor estendida no espaço, as pontas das sete pétalas sendo as poderosas Inteligências que presidem à evolução das cadeias de mundos. Aquele símbolo do lótus não é mero símbolo, mas uma excelsa realidade, como vista naquele estupendo mundo de onde o símbolo foi tomado pelos sábios. E porque os grandes Rishis do passado viram com o olho aberto do conhecimento, viram a flor de lótus aberta no espaço, eles a tomaram como símbolo do cosmos, o lótus com suas sete pétalas, cada uma um poderoso Deva presidindo sobre uma linha distinta de evolução. Nós estamos primariamente interessados em nosso próprio Deva planetário e, através d'Ele, nos grandes Devas do sistema solar.

Porém a razão para eu mencionar isto é para elucidar uma palavra que tem confundido muitos estudantes. Mahavishnu, o grande Vishnu, por que este epíteto particular? O que significa quando é usado? Significa o grande Logos solar, Vishnu em sua natureza essencial: mas há um reflexo de Sua glória, um reflexo de Seu poder, de Seu amor, em conexão mais imediata conosco e com nosso próprio mundo. Ele é Seu representante, como um vice-rei pode representar o rei. Alguns dos Avatares encontraremos vindo de Mahavishnu através do Logos planetário, que está ligado à nossa evolução e a evolução do mundo. Mas o Purnavatara de que falei ontem vem diretamente de Mahavishnu, sem intermediário entre Ele mesmo e o mundo que Ele vem ajudar. Eis outra diferença entre o Purnavatara e aqueles mais limitados, que não pude mencionar ontem, porque as palavras então usadas teriam sido incompreensíveis. Veremos amanhã, quando tratarmos dos Avatares Matsya, Kurma, e outros, que estes Avatares específicos, ligados à evolução de certos protótipos no mundo, vêm de Mahavishnu indiretamente, e o fazem através da mediação de Seu poderoso representante para nossa cadeia, a magnificente Inteligência que veicula Seu amor e ministra Sua vontade, e é o canal de Seu poder onipenetrante e sustentador. Quando estudarmos Shri Krishna veremos que não há intermediário. Ele permanece como o próprio Supremo. E enquanto que nos outros casos existe a Presença que pode ser reconhecida como intermediária, Ela está ausente no caso do grande Senhor da Vida.

Deixando isso então para elaboração futura amanhã, tentemos responder à próxima questão, "Como surge a necessidade de Avatares?", porque nas

mentes de alguns, mui naturalmente, a dificuldade surge de fato. A dificuldade que muitas pessoas inquiridoras sentem pode ser formulada assim: "Certamente todo o plano do mundo está na mente do Logos desde o início, e certamente não podemos supor que Ele trabalha como um operário humano, sem entender por inteiro aquilo a que Se dedica. Ele deve ser tanto o arquiteto quanto o construtor; Ele deve fazer o plano tanto quanto o executar. Ele não é como o pedreiro que põe uma pedra na parede onde lhe dizer para por, e nada sabe da arquitetura do edifício ao qual dá sua contribuição. Ele é o mestre-construtor, o grande arquiteto do universo, e tudo no plano deste universo deve estar em Sua mente antes mesmo que o universo comece. Mas sendo assim - e não podemos pensar de outra maneira - como é que surge a necessidade de uma intervenção especial? A circunstância de uma intervenção especial não implica o surgimento de alguma dificuldade não prevista? Se deve haver algum tipo de interferência na execução do plano, não pareceria que no plano original certas forças teriam sido desconsideradas, algumas dificuldades não teriam sido vistas, algo teria surgido cuja preparação não teria sido feita? E se não for assim, por que a necessidade de interferência, que parece ter sido realizada para enfrentar um acaso imprevisto?". Uma questão natural, razoável e perfeitamente legítima. Tentemos respondê-la. Não acredito em desviar diante de dificuldades; é melhor olhá-las de frente, e ver se é possível uma resposta.

E a resposta vem seguindo três linhas diferentes. Há três grandes classes de fatos, cada uma contribui para a necessidade, e cada uma, prevista pelo Logos, é definitivamente preparada como necessitando de uma manifestação especial.

A primeira destas linhas surge do que eu talvez chamasse de a natureza das coisas. Eu salientei no início desta palestra o fato de que nosso universo, nosso sistema, é parte de um grande todo, não separado, não independente, não principal, em uma escala comparativamente baixa no universo, sendo nosso Sol um planeta em um sistema mais vasto. Mas no que isto implica? No que concerne à matéria, Prakriti, implica que nosso sistema é construído de matéria já existente, de matéria dotada de certas propriedades, de matéria espalhada por todo o espaço, e da qual cada Logos toma seus materiais, modificando-os de acordo com Seu próprio plano e de acordo com Sua própria vontade. Quando falamos de Mulaprakriti, a base da matéria, não queremos dizer que ela exista como a matéria que conhecemos. Nenhum filósofo, nenhum pensador sonharia em dizer que o que existe por todo o espaço é idêntico à matéria de nosso próprio sistema solar elementar. Ela é a raiz da matéria, aquilo de que todas as formas de matéria são meramente modificações. O que isto implica? Implica que nosso grande Senhor, que trouxe nosso sistema solar à existência, está tomando matéria que já tem certas propriedades conferidas a ela por um Ser ainda maior que Ele mesmo. Nesta matéria os três gunas

[propriedades na matéria, a saber: Sattva, Rajas e Tamas, ou, grosseiramente falando, pureza e clareza, ímpeto e paixão, e inércia e tenebrosidade - NT] existem em equilíbrio, e é o alento do Logos que os tira do equilíbrio, suscita o impulso pelo qual nosso sistema é trazido à existência. Deve haver uma ruptura no equilíbrio, pois equilíbrio significa Pralaya, onde não há movimento, nem manifestação alguma de vida e forma. Quando aparecem a vida e a forma, o equilíbrio deve ter sido perturbado, e deve ser liberado um impulso pelo qual o mundo seja construído. Mas no momento em que se capta esta verdade vê-se que deve haver certas limitações em virtude do próprio material sobre o qual a Deidade está trabalhando para fazer o sistema. É verdade que quando fora do sistema, quando não condicionada e confinada e limitada por ele, como o é por Sua graciosíssima vontade, é verdade que Ela deve ser a Senhora desta matéria em virtude de Sua união com a Vida ainda maior por trás; mas quando para a construção do mundo Ela Se limita em Sua Maya, então Ela deve trabalhar dentro das condições dos materiais que limitam Sua atividade, como nos é dito repetidas vezes.

Mas quando, na contínua interação de Sattva, Rajas e Tamas, Tamas assume a predominância, auxiliado e como que trabalhado por Rajas, de modo que predominem sobre Sattva na evolução prevista, quando os dois combinados sobrepujam o terceiro, quando a força de Rajas e a inércia e apatia de Tamas se combinam, impedem a atuação, a harmonia, as qualidades que concedem prazer de Sattva, então surge uma das condições nas quais o Senhor vem para restaurar o que foi perturbado na interação equilibrada dos três gunas, e para restaurar o equilíbrio entre eles para possibilitar que a evolução prossiga suavemente e não seja impedida em seu progresso. Ele restabelece o equilíbrio de poder que dá movimento ordenado, tendo sido a ordem perturbada pela cooperação dos dois em oposição ao terceiro. Nestes atributos fundamentais da matéria, os três gunas ficam como a primeira razão para a necessidade de Avataras.

A segunda necessidade tem a ver com o próprio homem, e agora, na segunda e terceira, voltamos à questão do bem e do mal, da qual eu já falei. Ishvara, quando veio para tratar da evolução do homem - digo-o com toda reverência - teve uma tarefa mais árdua a desempenhar do que na evolução das formas inferiores de vida. Nelas a lei é imposta e elas devem obedecer aos seus impulsos. No mineral a lei é compulsória; todo mineral se move de acordo com a lei, sem interpor nenhum impulso próprio para atuar contra a vontade do Um. No mundo vegetal a lei é imposta, e todas as plantas crescem de modo ordenado de acordo com a lei interna, desenvolvendo-se sempre segundo a feição de seu tipo, não interpondo nenhum impulso próprio. E mais, no mundo animal - excetuando-se talvez seus membros mais evoluídos - a lei ainda é uma força que sobrepuja todo o resto, afastando tudo de seu caminho, abarcando todas as coisas vivas. Uma roda girando na estrada poderia carregar consigo em seu eixo uma mosca que

acontecesse de pousar lá; ela não põe nenhum obstáculo ao giro da roda. Se a mosca passa para a circunferência da roda e se opõe ao seu movimento, é esmigalhada sem abalar sequer minimamente a roda que prossegue, e a forma desaparece da existência, e a vida assume outras formas.

Assim é a roda da lei nos três reinos inferiores. Mas com o homem não é assim. No homem Ishvara dispõe-se a produzir uma imagem de Si mesmo, o que não é o caso dos reinos inferiores. Na evolução da vida apareceu força após força, e no homem começa a aparecer a vida central, pois é chegado o tempo da evolução do poder soberano da vontade, o movimento auto-iniciado que é parte da vida do Supremo. Não me entendam mal - pois o assunto é sutil; há somente uma vontade no universo, a vontade de Ishvara, e tudo deve conformar-se àquela vontade, tudo é condicionado por aquela vontade, tudo deve se mover de acordo com aquela vontade, e aquela vontade assinala a trilha estreita da evolução. Não pode haver desvio nem para a direita e nem para a esquerda. Só existe uma vontade que neste aspecto nos parece livre, pois não obstante que nossa vida seja a vida do próprio Ishvara, não obstante que haja só um Eu e este Eu seja de vocês e meu assim como é d'Ele - pois Ele nos deu Seu próprio Eu para ser nosso Eu e nossa vida - em algum estágio desta estupenda evolução deve evoluir aquele régio poder de vontade que é visto n'Ele. E do Atma em nós, que é Ele mesmo em nós, flui a vontade soberana dentro dos invólucros nos quais o Atma existe como se fosse contido. Mas o que ocorre é isto: a força passa pelas formas e lhes dá algo de sua própria natureza, e cada forma começa a apresentar um reflexo da vontade por sua própria conta, e encontramos o "eu" do corpo que quer seguir este caminho, e o "eu" da paixão ou emoção que quer seguir aquele caminho, e o "eu" da mente que quer ir por um terceiro caminho, e nenhum destes caminhos é o caminho do Atma, o Supremo. Estas são as vontades ilusórias do homem, e há um modo pelo qual se pode distingui-las da vontade verdadeira. Cada uma delas é determinada em sua direção por atração externa; o corpo do homem quer se mover em um caminho especial porque algo o atrai, ou algo o repele: ele se move para o que lhe agrada, o que lhe é semelhante, ele move-se para longe do que lhe desagrada, daquilo de onde sente-se repellido. Mas este movimento do corpo é apenas movimento determinado como se fosse pelo Ishvara externo, antes do que pelo Ishvara interno, pelo cosmos de entorno e não pelo Eu interior, que não adquiriu sua maestria sobre o cosmos. Do mesmo modo a respeito das emoções ou paixões: elas são levadas para este ou aquele caminho pelos objetos dos sentidos, e "os sentidos se movem em função de seus objetos próprios"; não é o "Eu" que se move. E assim também com a mente. "A mente é inconstante e inquieta, oh Krishna, ela parece tão difícil de domar quanto o vento", e a mente faz com que os sentidos vão em busca de objetos como um cavalo que rebentou seus arreios abala carregando seu condutor inábil. Todas estas forças existem; e existe ainda uma coisa mais a ser lembrada. Aquelas

forças fortalecem o guna rajásico e contribuem para produzir aquela predominância de que falei; todos estes desejos temerários que não estão de acordo com a vontade una são embora necessários a fim de que a vontade possa evoluir e a fim de treinar e desenvolver o homem.

Vocês dizem 'por quê'? Como aprenderíamos o certo se não conhecemos o errado? Como escolheríamos o bem se não conhecemos o mal? Como reconheceríamos a luz se não houvesse escuridão? Como nos moveríamos se não houvesse resistência? As forças que são chamadas tenebrosas, as forças dos Rakshasas, dos Asuras, de tudo o que parece estar trabalhando contra Ishvara - são estas forças que despertam a força interna do Eu no homem, lutando com elas as forças do Atma no homem são desenvolvidas, e sem elas ele permaneceria em pralaya para sempre. Onde não há movimento é um poço perfeitamente estagnado, e ali encontramos corrupção, e não vida. A evolução da força pode somente acontecer pela luta, pelo combate, pelo esforço, pelo exercício, e já que Ishvara está construindo homens e não bebês, Ele deve suscitar as forças humanas contrapondo-se a elas, fazendo-as combater a fim de que sejam conseguidas, e assim vivificando em manifestação externa a vida que doutro modo permaneceria encapsulada em si mesma. Na semente a vida está oculta, mas não crescerá se deixarmos a semente sozinha. Coloque-a aqui nesta mesa, e volte daqui a um século, e, se a encontrar, será ainda uma semente e nada mais. Assim é o Atma no homem antes que a evolução e a luta comecem. Plante sua semente no chão, de modo que as forças do solo atuem sobre ela, e os raios do sol vindos de fora imprimam vibrações que a influenciem, e a água da chuva passe através do solo até ela e a force a germinar - então a semente começa a crescer; mas assim que começa a crescer encontra a terra em volta. Como ele cresceria a não ser empurrando-a e assim manifestando as energias da vida que estão dentro de si? E contra a oposição do solo as raízes se estendem, e contra a oposição do solo a gema de crescimento se alevanta, e pela oposição do solo evoluem as forças que fazem a semente crescer, e a plantinha emerge do chão. Então o vento chega e sopra e tenta derrubá-la, e, a fim de poder viver e não perecer, ela lança suas raízes mais fundo e consegue sustentar-se melhor contra as forças destruidoras do vento, e assim a árvore cresce contra as forças que tentam derrubá-la. E se estas forças não existissem, não haveria nenhum crescimento da raiz. Do mesmo modo com a raiz de Ishvara, a vida em nós; onde tudo em nosso redor fosse suave e fácil, ficaríamos indolentes, letárgicos, indiferentes. É o chicote da dor, do sofrimento, do desapontamento, que nos conduz para diante e desperta as forças de nossa vida interna, que de outro modo não se desenvolveriam. Vocês querem que um homem cresça? Então não o joguem num sofá com almofadas de todos os lados, nem lhe tragam comida para dá-la em sua boca, de modo que ele não mova os membros nem exercite a mente. Lancem-no em um deserto, onde não há comida nem água para encontrar; deixem o sol arder sobre sua cabeça, o vento soprar contra ele; deixem sua



mente descobrir como atender às necessidades do corpo, e o homem crescerá como um homem e não como um pedaço de lenha. Eis o porquê de existirem forças que chamamos de más. Neste universo não existe o mal; tudo o que nos vem de Ishvara é bom, mas às vezes vem disfarçado de mal para que, opondo-nos a ele, possamos desenvolver nossa força. Então começamos a entender que estas forças são necessárias, e que elas estão dentro do plano de Ishvara. Elas testam a evolução, elas fortalecem a evolução, de modo que ela não dê um passo adiante até que tenha força suficiente para manter-se, firmando um pé pela oposição antes de adiantar o outro. Mas quando, pelas vontades conflitantes do homem, as forças que trabalham para o atraso, que seguram um homem atrás até que ele seja capaz de suplantá-las e prosseguir, quando elas ficam tão fortes com os desejos irrefreados do homem que elas como que começam a ameaçar seu progresso, então antes que este impasse se instale, há o fortalecimento do outro lado: a presença do Avatara das forças que ameaçam a evolução invoca a presença do Avatara que conduz ao progresso da humanidade.

Chegamos à terceira causa. O Avatara não vem sem um chamado. A Terra, diz-se, está muito pesada com a carga do mal, e os Devas vêm e gritam "Salva-nos, oh Senhor Supremo!". Em resposta a este grito o Senhor vem. Mas o que é aquilo que propositalmente chamei de um nome estranho para atrair sua atenção, dizendo um Avatara do mal? Pela vontade do Supremo Único, existe um ser encarnado sob uma forma que reúne as forças que atuam para o retardo, a fim de que, assim reunidas, possam ser destruídas pela força opositora do bem, e assim o equilíbrio possa ser restabelecido e a evolução proceda ao longo de seu caminho indicado. Os Devas trabalham pela alegria, a recompensa do Céu. Sua morada é Svarga, e eles servem o Supremo pelas alegrias que têm. Os Rakshasas também O servem, primeiro pelo poder na Terra, e o poder de obter e manter e fruir o que quiserem neste mundo inferior. Ambos os lados servem pela recompensa, e são movidos pelas coisas que lhes agradam.

E a fim de que, uma vez que nosso tempo se esgota, eu possa dar um grande exemplo para demonstrar como isso funciona, deixem-me tomar o poderoso Ravana de Lanka, para que demos uma forma concreta para um pensamento algo difícil e abstruso. Ravana, como todos bem sabem, era a poderosa inteligência, o Rakshasa, que induziu a vinda de Shri Krishna. Mas olhem para o passado, e o que ele foi? Guardião do céu de Vishnu, porteiro do grande Senhor, devoto, bhakta, absolutamente dedicado ao Senhor. Olhem para o seu passado, e onde encontram um bhakta de Mahadeva mais absolutamente em devoção do que aquele que mais tarde apareceu como Ravana? Foi ele que colocou sua cabeça no fogo para que Mahadeva pudesse ser servido. É ele em cujo nome foram escritos alguns dos mais notáveis strotas [versos de louvor, hinos - NT], que respiram o espírito da mais completa devoção; em um deles, vocês podem lembrar - e vocês dificilmente poderiam levar a devoção até tão longe - estão colocadas na

boca de Ravana palavras apelando a Mahadeva, e descrevendo-O como rodeado pelas mais repelentes e detestáveis formas, cercado de todos os lados de pisachas e bhutas [demônios, elementares - NE] que para nós só parecem as encarnações das escuras sombras do inferno, formas de onde toda a beleza fugiu. Ele exclama em um arrebatamento de amor: "É melhor ter a forma de um pisacha, assim eternamente estaremos perto de Ti e Te serviremos".

Como então ele veio a ser o raptor de Sita e um inimigo de Deus?

Vocês sabem como: por falta de intuição, por falta do poder de descobrir o sentido de uma ordem, seguindo as palavras e não o espírito, seguindo o exterior e não o interior, ele recusou abrir a porta do céu quando Sanat Kumara chegou e pediu entrada. A fim de que o que faltava pudesse ser possuído, a fim de que o que estava ausente pudesse ser obtido, o que se chamou uma maldição foi pronunciado, uma maldição que era a reação natural derivada do erro. Foi-lhe perguntado: "Tu preferes sete encarnações como amigo de Vishnu, ou três nas quais serás Seu inimigo e adversário?". E porque ele era um verdadeiro bhakta, e porque cada momento de ausência de Seu Senhor para ele significava o inferno da tortura, ele escolheu as três como inimigo, que lhe trariam mais cedo de volta aos Pés do Bem-amado, antes do que as sete de felicidade, ou de amizade. Melhor um breve tempo da mais total inimizade do que uma longa permanência longe numa felicidade aparente. Foi amor e não ódio o que o fez escolher a forma de um Rakshasa antes do que a forma de um Rishi. Esta é a primeira explicação.

Então, vindo sob a forma de Rakshasa, ele deve cumprir seu dever como Rakshasa. Ele não era um homem fraco para ser desviado por pensamentos momentâneos, por objetivos passageiros. Ele tinha todo o conhecimento dos Vedas. Com ele, diz-se, desapareceu a sabedoria Védica, com ele ela desapareceu da face da Terra. Ele conhecia seu dever. Qual era seu dever? Aplicar cada força que estava em sua poderosa natureza para impedir a evolução, e assim suscitar cada força no homem que pudesse ser suscitada pela energia oposta que deveria ser vencida; era reunir em torno de si todas as forças que se opunham à evolução; era fazer de si o rei do conjunto, o centro e o regente de todas as forças que se estavam colocando contra a vontade do Senhor; era reuni-las como se se concentrassem numa só cabeça, num só braço; de maneira que quando seu triunfo aparente fez o clamor da Terra chegar até Vishnu, a resposta poderia vir como o Avatara de Rama e ele ser destruído, para que a onda de vida pudesse prosseguir.

Nobrememente ele fez o trabalho, desobrigou-se integralmente de seu dever. É dito que até mesmo os sábios se confundem a respeito do Dharma, e de fato é sutil e difícil de entender em sua inteireza, embora o fragmento o que o

homem comum vê seja bastante simples. Seu Dharma era o Dharma de um Rakshasa, era conduzir o todo das forças do mal contra Aquele a Quem em sua alma interna, então velada, ele amava. Quando Shri Rama veio, quando Ele andava errante na floresta, como poderia ele atirá-Lo senão roubando-Lhe a vida de Sua vida, Sua amada Sita, e fazendo-O voltar ao mundo para fazer Seu trabalho? Tirando-Lhe a única coisa a que Ele era ligado, roubando-Lhe a esposa que Ele amava como Seu próprio Eu, colocando-a no local onde todas as forças do mal estavam reunidas, fazendo assim uma única cabeça para a destruição, que a flecha de Shri Rama poderia destruir. Então a momentosa batalha, então o combate com todas as forças de sua grande natureza, para que a lei pudesse ser obedecida até a completude, devidamente cumprida até o último grão, e pago o débito pendente; e então - ah, então o dardo do Bem-amado, então a seta de Shri Rama que trespassou a cabeça do inimigo aparente, mas de fato do verdadeiro devoto. E do corpo do Rakshasa que caiu no campo perto de Lanka, o devoto passou a Goloka [o nome de um dos céus - NE] para sentar-se aos pés do Bem-amado, e descansar até que a terceira encarnação teve de ser vivida.

Tais, portanto, são algumas das razões existentes, os caminhos nos quais é produzida a vinda do Avatara. E hoje minhas últimas palavras para vocês, meus irmãos, são só uma frase, a fim de evitar a possibilidade de um engano a que nosso mergulho nestas profundezas de pensamento poderia possivelmente dar origem. Lembrem que embora todos os poderes sejam d'Ele, todas as forças sejam Suas, tanto Rakshasa como Deva, Asura como Sura; lembrem que para sua evolução vocês devem estar no lado do bem, e lutar ao máximo contra o mal. Não deixem que os pensamentos que eu apresentei os conduzam a um pântano, a um buraco do inferno, onde poderiam por ora perecer, por o mal ser relativo, por existir pela vontade Única, porque de Deus são os Rakshasas assim como os Devas, e portanto vocês deveriam ir para o lado deles e seguir seu caminho. Não é assim. Se cederem à ambição, se cederem ao orgulho, se se colocarem contra a vontade de Ishvara, se sua luta for pelo Eu separado, se agora vocês se identificam com o passado que viveram em vez de com o futuro para onde deveria direcionar seus passos, então, se for seu Karma em certo estágio, vocês passam para as fileiras daqueles que trabalham como inimigos, porque vocês terão escolhido este destino por vocês mesmos, pelos apelos de sua natureza inferior. Então com amarga dor interna - mesmo se com completa submissão - aceitando o Karma, mas com profunda amargura, vocês terão de trabalhar sua vontade própria contra a vontade do Bem-amado, e sentir a angústia da rendição que separa a vida interna da externa. A vontade de Ishvara para vocês é a evolução; aquelas forças são feitas para auxiliar sua evolução - mas somente se vocês lutarem contra elas. Se cederem a elas, então elas os desviarão. Vocês então não estarão despertando sua própria força, mas só estarão reforçando-as. "Portanto, oh Arjuna, levanta e luta". Não sejam indolentes. Não cedam àquelas forças; elas estão lá para despertar suas energias pela oposição e vocês não

devem desfalecer no chão da carruagem. E minhas últimas palavras são as palavras de Shri Krishna para Arjuna: "Toma teu arco, levanta, e luta!"

## TERCEIRA PALESTRA

### ALGUNS AVATARAS ESPECIAIS

O tema desta manhã, meus irmãos, é de certo modo fácil e de certo modo difícil; fácil, uma vez que as histórias dos Avataras podem ser prontamente contadas e prontamente compreendidas; difícil, já que o significado que subjaz a estas manifestações possivelmente pode ser, de certas maneiras, pouco familiar, pode não ter sido completamente ponderado por alguns ouvintes individuais. E eu devo começar com uma palavra geral sobre estes Avataras especiais. Vocês podem lembrar que eu disse que todo o universo pode ser considerado como o Avatara do Supremo, a Auto-revelação de Ishvara. Mas não estamos lidando com esta Auto-revelação geral; tampouco estamos considerando as muitíssimas revelações que têm ocorrido de tempos em tempos, assinaladas por características especiais; pois vimos que nos referindo a um ou dois dos escritos antigos são dadas estas muitas listas das vindas do Senhor, e hoje estamos interessados em somente algumas delas, as que são especialmente aceitas como Avataras.

Mas em um ponto eu confesso-me confusa desde o início, e não sei se em sua literatura exotérica é lançada alguma luz sobre o ponto de que como estas dez foram selecionadas, quem foi a pessoa que as selecionou de uma lista mais longa, com que autoridade esta lista foi proclamada. Sobre este ponto eu devo simplesmente apresentar a questão, deixando-a sem resposta. Pode ser um assunto familiar àqueles que fizeram pesquisas na literatura exotérica. Não é um ponto de importância suficiente para o momento gastarmos tempo e trabalho com ele, no que podemos chamar de linha oculta de pesquisa. Assim o deixo de lado, pois há uma razão para que alguns destes se destaquem de uma maneira clara e definida. Eles marcam estágios na evolução do mundo. Eles marcam novos inícios no crescimento da vida evolucionante, e se foi este fato que justificou a escolha exotérica, não sou capaz de dizê-lo; mas certamente este fato por si só é suficiente para justificar a diferenciação especial que é feita.

Existe um outro grande ponto a considerar. Registros destes Avataras se encontram nos Puranas; alusões a eles, a um ou outro deles, são encontrados em outros dos escritos antigos, mas quando se procura por muitos detalhes devemos nos voltar aos relatos Purânicos; como bem sabem, os sábios, ao transmitir estes Puranas, muitas vezes descrevem as coisas como são vistas nos planos superiores, dando a descrição das verdades subjacentes aos fatos e eventos; temos aparições descritas que parecem muito estranhas no mundo inferior; temos fatos asseverados que representam um desafio para os tempos modernos. Quando nos Puranas

lemos sobre as estranhas formas e aparências maravilhosas, quando lemos relatos de criaturas que não se parecem com nada de que jamais tenhamos ouvido falar ou sequer sonhado de alguma forma, a mente moderna, com suas um tanto estreitas limitações, pode se revoltar contra os relatos que são dados; a mente moderna, treinada dentro dos limites da ciência da observação, necessariamente é circunscrita dentro destes limites e estes limites são extremamente estreitos; são os limites que pertencem apenas aos tempos modernos, modernos para os homens, no verdadeiro sentido da palavra, embora as pesquisas geológicas é claro se estendam muito para trás, para o que neste século XIX chamamos a noite dos tempos. Mas vocês devem lembrar que a geologia atual vai além do período histórico, que é só um instante na história do mundo, e tem mais de suposições do que de fatos, mais de teorias do que de provas. Se tomarmos meia dúzia de geólogos modernos e perguntarmos a cada um deles por sua vez pela data do período em que subsistem registros no pequeno número de fósseis coletados, encontraremos quase cada homem dando uma data diferente, e que eles lidam com diferenças de milhões de anos como se não passassem de nossos segundos ou minutos. De modo que vocês terão de lembrar, no que a ciência lhes diz sobre o mundo, por mais preciso que possa ser dentro de seus limites, que estes limites são excessivamente estreitos, estreitos eu quero dizer quando medidos pela visão que permanece kalpa após kalpa, e que sabe que a mente do Supremo não é limitada à manifestação de algumas centenas de milhares de anos, mas remonta a milhões após milhões, centenas de milhões após centenas de milhões, e que as variedades de forma, as enormes diferenças das espécies, os maravilhosos tipos de criaturas que nasceram daquela imaginação criativa, na verdade transcendem tudo o que a mente do homem pode sonhar, e mesmo as mais exuberantes imagens que o homem pode produzir ficam muito aquém das realidades que de fato existiram nos kalpas passados que o universo atravessou. Esta palavra de advertência é necessária, e também a advertência de que nos planos superiores as coisas aparecem muito diferentes do modo como aparecem aqui embaixo. Aqui temos um reflexo somente de uma parte daquelas formas de existência superiores. Lá o espaço tem mais dimensões do que tem no plano físico, e cada dimensão do espaço adiciona uma variedade fundamental nova à forma; se para ilustrar isto eu puder usar um exemplo que eu freqüentemente uso, talvez ele possa veicular-lhes uma pequena idéia do que quero dizer. Usarei dois exemplos, cada um deles lançando um pouco de luz sobre um assunto bastante difícil. Suponham que lhes seja apresentada uma imagem de uma forma sólida; a imagem, sendo feita com lápis ou caneta em uma folha de papel, deve mostrar sobre a folha, que tem praticamente duas dimensões - uma superfície plana - uma forma tridimensional; de modo que se quisermos representar um objeto sólido, um vaso, deveremos desenhá-lo plano, e poderemos representar a solidez do vaso somente se nos valermos de certos recursos de luz e sombra, do recurso artificial que é chamado de perspectiva, a fim de criarmos uma aparência ilusória da terceira dimensão.

Lá na superfície plana teremos uma aparência sólida, e o olho é iludido a pensar que vê um sólido quando na realidade está olhando para uma superfície plana. Mas, como é constatado, se vocês mostrarem a imagem a um selvagem, a uma criança muito pequena, eles não verão um sólido, mas apenas um plano. Eles não reconhecerão a imagem como sendo a imagem de um objeto sólido que já viram no mundo ao seu redor; eles não verão que aquela representação artificial pretende significar um sólido familiar, e ela passa por eles sem causar nenhuma impressão na mente; somente a educação do olho nos possibilita ver em uma superfície plana a imagem de uma forma sólida. Agora, com um esforço da imaginação, vocês conseguem pensar em um sólido como sendo a representação de uma forma com uma dimensão a mais, representada por alguma espécie de perspectiva? Assim vocês podem ter uma vaga idéia do que queremos dizer quando falamos de uma dimensão adicional do espaço. Assim como o desenho está para o vaso, do mesmo modo o vaso está para um objeto superior do qual o próprio vaso é um reflexo. Assim, mais uma vez, se vocês pensarem, digamos, na flor de lótus de que eu falei ontem, como tendo só as pontas de suas pétalas acima da água, cada pétala apareceria como um objeto separado. Se vocês conhecerem o todo saberão que todas são partes de um único objeto; mas olhando sobre a superfície da água verão apenas pontas, uma para cada pétala do lótus de sete pétalas. Assim cada globo no espaço é um objeto aparentemente separado, quando na verdade eles não são de modo algum separados, mas partes de um todo que existe em um espaço de mais dimensões; e a separação é mera ilusão devida às limitações de nossas faculdades.

Mas eu fiz esta introdução a fim de mostrar-lhes que quando lemos os Puranas temos como regra o fato no plano superior descrito nos termos do inferior, com o resultado de que parece ininteligível, parece incompreensível; e então temos o que é chamado uma alegoria, isto é, uma realidade que aqui embaixo parece uma fantasia, mas é uma verdade mais profunda que a ilusão da matéria física, e está mais próxima da realidade das coisas do que as coisas que chamamos objetivas e reais. Se seguirem esta linha de pensamento integralmente vocês lerão os Puranas com mais inteligência e certamente com mais reverência do que alguns dos Hindus modernos são capazes de mostrar na leitura, e vocês começarão a entender que quando uma outra visão é aberta a pessoa vê as coisas de maneira diferente do que um outro as vê no plano físico, e que o que parece impossível no físico é o que realmente é visto quando se passa para além das limitações físicas.

Dos Puranas, então, procedem as histórias.

Deixem-me primeiro tomar os três primeiros Avataaras à parte dos restantes, por uma razão que logo entenderão ao tratarmos deles. Tomemos o Avatara que é dito o de Matsya ou o peixe; aquele que é citado como sendo Kurna,

ou a tartaruga; aquele que é dito como o de Varaha, ou o javali. Três formas animais, que estranho!, pensa o acadêmico moderno. Quão estranho que o Supremo tome estas formas destes animais inferiores, um peixe, uma tartaruga e um javali! Que tolice infantil! "O balbucio de uma raça em sua infância", é o que dizem os eruditos do mundo Ocidental. Mas não estejamos assim tão certos. Por que este grandioso conceito sobre a forma humana? Por que deveriam somente vocês e eu ser os únicos veículos dignos da Deidade surgidos da Mente ilimitável no curso das eras? O que há nesta forma especial de cabeça, membros e tronco que a torne o único vaso digno de servir como uma manifestação do Ishvara supremo? Não vejo nada tão maravilhoso na mera forma externa que devesse tornar somente esta forma digna de representar alguns dos aspectos do Altíssimo. E não pode ser que de Seu ponto de vista estas grandes diferenças que vemos entre nós mesmos e aquelas que chamamos de formas inferiores de vida sejam quase imperceptíveis, uma vez que Ele transcende a todas? Uma criança pequena vê uma enorme diferença entre si mesma, com talvez quatro palmos e pouco de altura, e um bebê de dois palmos e meio, e se imagina um homem comparado com aquela pequena forma que rola-se no chão, incapaz de caminhar. Mas para o homem crescido não há tanta diferença assim entre as alturas dos dois, e um se parece muito com o outro. Quando somos pequenos vemos grandes diferenças entre nós e os outros; mas no topo da montanha a cabana e o palácio não diferem tanto assim em altura. Ambos se parecem como pequenos formigueiros, quase do mesmo tamanho. Assim é do ponto de vista de Ishvara; nas vastas hierarquias desde o mineral até o mais excelso dos Devas, as distinções não passam de formigueiros em comparação a Si mesmo, e uma ou outra forma são igualmente dignas, desde que cumpram Seus desígnios, e manifestem Sua vontade.

Mas passemos ao Avatara Matsya; a história todos vocês conhecem; quando o grande Manu, o Manu Vaivasvata, o Manu Raiz, como O chamamos - isto é, o Manu não somente de uma raça, mas de toda uma vasta ronda de evolução cósmica, presidindo sobre os sete globos que estão interligados para a evolução do mundo - aquele poderoso Manu, sentado um dia imerso em contemplação, vê um pequeno peixe procurando por água; e, movido pela compaixão, como o são todos os grandes, Ele toma o pequeno peixe e o coloca em uma taça, e o peixe cresce até preencher a taça; e Ele o coloca em uma vasilha d'água e ele cresce até o tamanho da vasilha; então Ele o tira daquela vasilha e o põe numa maior; depois num tanque, num lago, num rio, no mar, e o peixe maravilhoso ainda cresceu e cresceu e cresceu. Chegou o tempo então em que uma vasta mudança era iminente; uma das mudanças chamada um pralaya menor, e era necessário que as sementes de vida fossem carregadas através deste pralaya até o próximo manvantara [período de manifestação de um universo - NT]. Estes seriam um pralaya e um manvantara menores. O que isto significa? Significa uma passagem das sementes de vida de um globo para

outro; do que chamamos de globo precedente até nossa própria Terra. É função do Manu Raiz, com a ajuda e orientação do Logos planetário, transferir as sementes de vida de um globo para o próximo, para plantá-las em um novo solo onde será possível um crescimento ulterior. Subindo as águas, águas de matéria submergindo o globo que estava entrando em pralaya, uma arca, um navio, apareceu; neste navio entrou o grande Rishi junto com outros, e as sementes de vida foram carregadas por Eles, e ao seguirem Eles sobre as águas aparece um grande peixe, e o navio é amarrado por um cabo no chifre do peixe, e ele conduz todos a salvo à terra seca onde o Manu reinicia Seu trabalho. Uma lenda! Sim, mas uma lenda que conta uma verdade; pois encarando-a do modo como ela assume forma na história do mundo, vemos surgindo o vasto oceano de matéria, vemos o Manu Raiz e os grandes Iniciados com Ele reunindo as sementes de vida do mundo cujo trabalho terminou, carregando-as sob a direção e auxílio do Vishnu planetário até o novo globo onde será dado um novo impulso à vida; e a razão pela qual foi escolhida a forma de peixe foi simplesmente porque na reconstrução do mundo, de início ele estava coberto de água, e neste início somente aquela forma de vida era possível, até onde diz respeito à vida física densa.

Temos neste primeiro estágio o que os geólogos chamam de Período Siluriano, a era dos peixes, quando a maior manifestação divina estava nestes tipos de formas de vida. O Purana, corretamente, começa no kalpa anterior, corretamente inicia as manifestações com a manifestação sob forma de peixe. Não tão ridículo, no fim das contas, como se vê, quando lido com conhecimento em vez de com ignorância; uma verdade, uma vez que os Puranas estão cheios de verdade, se apenas forem lidos com inteligência e não com preconceito.

Mas alguns de vocês podem dizer que há confusão a respeito destes primeiros Avataras; em diversos relatos encontramos que o Javali aparece primeiro; é correto, mas a chave disto está aqui: o Avatara Javali iniciou a evolução que os humanos seguiram depois sem interrupção; enquanto que os outros dois inauguram grandes estágios, cada um deles considerado como um kalpa separado; e se procurarmos no Vishnu Purana encontraremos lá a chave; pois quando começa lá o relato da encarnação do Javali, existe exatamente a frase escrita de que os Avataras Matsya e Kurma pertencem a kalpas precedentes.

Mas se tomarmos a nomenclatura Teosófica, encontramos que cada um destes kalpas cobre o que chamamos de uma Raça Raiz, e vocês podem lembrar que a primeira Raça Raiz da humanidade não tinha em absoluto a forma humana, mas era simplesmente uma massa flutuante capaz de viver nas águas que então cobriam a Terra, e só apresentando os movimentos protoplásmicos característicos de tais tipo de vida e possíveis naquele estágio de sua evolução. Era uma semente de forma antes que



propriamente uma forma; foi a semente plantada pelo Manu nas águas da Terra, para que a humanidade pudesse evoluir. Mas o curso geral da evolução física ultrapassou o estágio de peixe; e a geologia aqui dá um fato verdadeiro, embora não entenda, naturalmente, o sentido oculto; enquanto que o Purana dá a realidade da manifestação, e a verdade mais profunda que subjaz aos estágios do mundo em evolução.

Então encontramos, seguindo adiante, que esta grande era termina, e o mundo começa a se elevar das águas. Como então as espécies deveriam ser feitas para que a evolução pudesse prosseguir? O próximo grande modelo seria adaptado tanto para terra quanto para água; pois o próximo estágio da Terra mostra as águas gradualmente retrocedendo, e aparecendo chão, e as criaturas que são distintivas da época devem existir parcialmente sobre a terra e parcialmente sob a água. Aqui novamente deve haver a manifestação do protótipo da vida, desta vez o que chamamos de protótipo reptiliano; a tartaruga é escolhida como a criatura típica, e enquanto a tartaruga tipifica o modelo a ser desenvolvido, répteis e criaturas anfíbias de todos os formatos pululam sobre a Terra, se tornando mais e mais terráqueas em suas características à medida que a proporção de terra aumenta em relação à de água. Enquanto isso, está ocorrendo, na "imperecível terra sagrada", uma preparação para uma evolução ulterior. Há uma parte do globo que não muda, que permanece desde o início, e existirá enquanto o globo durar; é chamada "a terra imperecível". E lá se reúnem os grandes Rishis, e sempre é de lá que vêm para ajudar o homem; esta é a imperecível terra sagrada, às vezes denominada "pólo sagrado da Terra". O pólo em si não existe no plano físico, mas num superior, e seu reflexo descendo como que cria um local que nunca muda, mas é sempre guardado da incursão profana dos homens comuns. Lá ocorre um fenômeno o mais instrutivo. O protótipo da evolução então em andamento, a Tartaruga, o Logos sob aquela forma, faz de Si mesmo a base do eixo giratório da evolução. Ela é tipificada por Mandara, a montanha que, colocada sobre a tartaruga, é feita girar pelas hostes de Suras e Asuras, umas empurrando a cabeça do réptil, e outras a cauda - as forças positivas e negativas de que falei ontem. Assim começa a coagulação da matéria, fazendo evoluir os protótipos da vida. O protótipo sempre é aprontado antes da manifestação inferior, o protótipo aparece antes que suas cópias nasçam no mundo inferior. E quão amiúde os estudantes dos grandes Instrutores vêem eles mesmos a mesma coisa ocorrer; a coagulação das águas da matéria dando à luz todos os protótipos das muitas variedades e espécies que são geradas no mundo inferior; eles são os arquétipos, como os chamamos, das espécies e criaturas, sempre produzidos em preparação para o próximo impulso da evolução. Lá surgem um por um os arquétipos, o elefante, o cavalo, a mulher, e assim por diante, um após outro, demonstrando a trilha ao longo da qual seguiria a evolução. E, primeiro de tudo, surge Amrita, o néctar da imortalidade, símbolo da vida única que passa por todas as formas - e aquela vida aparece sobre as águas e sua tomada é necessária

para que todas as formas possam viver.

Não podemos demorar em detalhes; posso apenas delinear apressadamente o perfil, mostrando-lhes quão real é a verdade que subjaz à lenda, e à medida que ela gradualmente prossegue e os protótipos são ultimados, então sucede a submersão do mundo sob as águas, e os grandes continentes por um tempo desaparecem. Então chega o terceiro Avatara, o Varaha. Não se vê nenhuma terra; as águas do dilúvio as cobriram. Os protótipos que serão produzidos na Terra estão esperando na região superior por um lugar sobre onde se manifestar. Como a terra seria erguida das águas que a recobriram? Agora mais uma vez é necessário o grande Auxiliador, o Deus, o Protetor da Evolução. Então sob forma de um grande Javali, cuja forma preenchia os céus, mergulhando nas águas que só Ele poderia separar, desce o Grande Ser. Ele traz a terra da região inferior onde estava jazendo à espera de Sua chegada; e a terra se ergue novamente de debaixo da superfície do dilúvio, e o vasto continente da Lemúria é a terra seca daquela época longínqua. Aqui a ciência tem uma palavra a dizer, bastante correta, que no continente Lemuriano foram desenvolvidos muitos tipos de vida, e lá os mamíferos fizeram sua primeira aparição. De fato; isto é exatamente o que os sábios ensinaram milhares e milhares de anos atrás; que quando o Javali, o grande protótipo dos mamíferos, mergulhou nas águas para reerguer a terra, então iniciou a evolução mamífera, e o continente assim resgatado das águas foi apinhado das formas do reino mamífero. Assim como o Peixe tipificou o Período Siluriano, assim como a Tartaruga havia dado a partida na grande evolução anfíbia, também o Javali, este mamífero típico, começou a evolução mamífera, e chegamos ao continente Lemuriano com sua maravilhosa variedade de formas de vida mamífera. Os escritos antigos, pois, como se vê, não são tão ignorantes assim! Pois os homens estão somente redescobrimo hoje o que esteve nas mãos dos seguidores dos Rishis por milhares, dezenas de milhares de anos.

Então chegamos a uma estranha encarnação neste continente Lemuriano: existiam medonhos conflitos; estamos nos aproximando ao que na nomenclatura Teosófica chamamos de ponto médio da terceira Raça, e o homem como tal logo aparecerá com todas as características de sua natureza. Ele propriamente ainda não nasceu; são vistas estranhas formas, meio-humanas e meio-animais, absolutamente monstruosas; surgem lutas terríveis entre estas formas monstruosas nascidas como é dito do limo - dos remanescentes das criações anteriores - e a nova e mais elevada vida na qual a futura evolução está embutida. Aquelas formas são representadas nos Puranas como a raça dos Daityas, que governavam a Terra, e que lutavam contra as manifestações Dévicas, venciam os Devas de tempos em tempos, os sujeitavam, e dominavam igualmente a Terra e o Céu, trazendo todas as coisas sob seu poder. Vocês podem ler nas esplêndidas estâncias do Livro de Dzyan, como transmitido por Helena P. Blavatsky, sugestões

desta gigantesca luta da qual os Puranas estão tão cheios, uma luta que foi tão real quanto qualquer outra de dias posteriores, um fato absolutamente histórico que muitos de nós testemunharam. Somos instruídos repetidamente sobre um espantoso conflito de formas, as formas do passado, monstruosas em sua força e em sua aparência, contra quem estavam combatendo os Filhos da Luz, contra quem vieram os grandes Senhores da Chama. Um destes conflitos, o maior de todos, é contado na história do Avatara conhecido como Narasimha - o Homem-Leão. Vocês conhecem a história; que Hindu não conhece a história de Prahlada? Nele temos tipificada a nascente espiritualidade que aparece nas raças superiores dos Daityas à medida em que entram na evolução definitivamente humana, e suas formas abrem caminho para que o homem sexual possa nascer. Não preciso me demorar nesta familiar história do devoto de Vishnu; como seu pai Daitya tentou matá-lo porque o nome de Hari estava sempre em seus lábios; como ele procurou matá-lo com uma espada, e a espada quebrou-se no pescoço do filho; como então ele tentou envenená-lo, e Vishnu apareceu e comeu antes do arroz envenenado, para que o garoto pudesse comê-lo com o nome de Hari nos lábios; como seu pai tentou matá-lo através de um elefante enfurecido, através da picada de uma serpente, jogando-o num precipício, e esmigalhando-o sob uma rocha. Mas sempre o grito de "Hari, Hari!" trouxe salvação, pois no elefante, na presa da serpente, no precipício e na rocha estava Hari sempre presente, e seu devoto estava a salvo em Sua presença; como finalmente o pai, quando desafiando a onipresença da Deidade, apontou para uma coluna de pedra e disse com linguagem vil: "Teu Hari também está na coluna?". "Hari, Hari!", gritou o menino, e a coluna explodiu, e a poderosa forma apareceu e matou o Daitya que duvidara, a fim de que ele pudesse aprender a onipresença do Supremo. Lenda? Fatos, e não ficção; verdade, e não imaginação; e se vocês pudessem olhar para trás nos tempos daquelas batalhas, não veriam nada de estranho ou anormal no relato, pois o veriam repetido com menos vivacidade nas lutas menores onde os Filhos do Fogo estavam purgando e redimindo a Terra, a fim de que a evolução humana posterior pudesse ter lugar.

Passamos destes quatro Avataras, tendo vindo cada um deles dentro do que chamamos Satya Yuga [yuga significa era, idade - NT] da Terra - lembrem-se, não de uma raça, não de um ciclo menor, mas da Terra - o Satya Yuga da Terra como um todo, quando os períodos cronológicos eram de uma extensão imensa, e quando o progresso era maravilhosamente lento. Então passamos ao período seguinte, aquele chamado de Treta Yuga, o qual, na cronologia Teosófica - e eu coloco os dois juntos a fim de que os estudantes possam estudar seus desenvolvimentos em detalhe - é o período mediano da Terceira Raça Raiz, quando a humanidade recebe a luz de cima, e quando o homem como homem começa a evoluir. Como é marcada esta evolução? Pela chegada do Supremo em forma humana, como Vamana, o Anão. O Anão? Sim, pois o homem ainda não passava de

um anão em sua estatura realmente humana, embora gigantesco na aparência externa; e Ele veio como o homem interior, pequeno, embora mais forte que a forma exterior; contra ele estava Bali, o poderoso, representando a forma externa, enquanto que Vamana, o Anão, representava o homem que viria a ser. E quando Bali ofereceu um grande sacrifício, o Anão sob forma de brâmane veio mendigar.

É curiosa esta questão da casta dos Avataras. Quando definitivamente chegamos aos Avataras humanos, Eles são geralmente kshattriyas, como se sabe, mas em dois casos Eles são brâmanes, e este é um deles; pois Ele estava mendigando, e um kshattriya não poderia mendigar. Somente a quem a riqueza da Terra fosse como nada, que não tivesse reservas de riqueza para entesourar, para quem ouro e poeira fossem a mesma coisa, somente este poderia mendigar. Ele era um brâmane antigo, não um brâmane moderno.

Ele chegou com a tigela dos mendigos na mão, para mendigar junto ao rei; pois que valor tem um sacrifício se algo não é dado no sacrifício? Mas Bali era um governante piedoso, no lado da evolução que estava terminando, e alegremente fez-lhe uma mercê. "Brâmane, pede tua dádiva", disse ele. "Só peço três passos de terra", disse o Anão. Três passos daquele pequeno homem certamente não cobririam muito, e o grande rei com seu domínio mundial poderia muito bem dar três passos de terra ao Anão baixinho e raquítico. Mas um passo cobriu toda a Terra, e o outro abarcou o Céu. Onde o terceiro passo poderia ser plantado, onde, para que a doação pudesse se completar? Nada restava para Bali dar exceto a si mesmo; nada mais para integralizar a sua doação exceto seu próprio corpo - e sua palavra não poderia ser quebrada. Assim, reconhecendo o Senhor de tudo, arrojou-se diante d'Ele, e o terceiro passo, plantado em seu corpo, completou a promessa do rei e fez dele o regente das regiões inferiores, do Patala. Esta é a lenda. Quão cheia de significado! Este homem interno - tão pequeno naquele estágio, mas em verdade tão poderoso que regeria igualmente a Terra e o Céu - não poderia encontrar outro lugar para colocar o pé em seu terceiro passo senão em sua própria natureza inferior; ele prosseguiria sempre e sempre para a frente; isto é o que é sugerido pelo terceiro passo que foi dado. Que imagem ilustrativa da evolução se nos apresenta, da estupenda evolução que agora havia de iniciar.

E posso apenas lembrar-lhes de passagem que há uma palavra no Rig Veda que se refere a este mesmo Avatara, que tem sido uma fonte de interminável controvérsia e disputa sobre seu significado; lá é dito:

"Todo este mundo Vishnu abarcou; três vezes Seu pé Ele plantou e o todo foi reunido no pó de Suas pegadas" (I, xxii, 17) [vide também I, cliv, que fala de Seus três passos, dentro dos quais todas as criaturas vivas têm sua morada; os três passos são ditos ser "a Terra, os Céus, e todas as criaturas

vivas". Aqui Bali é feito símbolo de todas as criaturas vivas - NE]. Isto é também um dos "balbucios da humanidade infante"... Não sei que figura o maior dos homens poderia usar que fosse mais poética, mais cheia de significado, mais sublime em sua imagem, do que todo o mundo sendo reunido no pó dos pés do Supremo. Pois o que é o mundo senão pó de Suas pegadas, e como teria ele alguma vida se Seu pé não o tivesse tocado?

Assim passamos, ainda seguindo no Treta Yuga, e chegamos a uma outra manifestação - a de Parashurama; um estranho Avatara, pode-se pensar, e, deixem-me dizer, um Avatara parcial, como veremos quando viermos a analisar Sua vida e ler as palavras que falam d'Ele. O Yuga havia avançado muito e a casta kshatriya havia ascendido e era governante, grande em seu poderio, grande em sua autoridade, a casta guerreira governando sozinha, e, lástima!, abusando de seu poder, como o fazem os homens cujas almas ainda estão sendo treinadas, e são jovens para seu ambiente. A casta kshatriya abusou de seu poder, cresceu para que pudesse governar; o dever do governante, lembrem, é essencialmente proteger: mas eles usaram seu poder não para proteger, mas para espoliar, não para ajudar, mas para oprimir. Uma terrível lição devia ser ensinada à casta governante, a fim de que pudesse aprender, se possível, que o dever do governante era proteger e apoiar e ajudar, e não tyrannizar e saquear. Foi dada a primeira grande lição aos reis da Terra, aos governantes dos homens, uma lição que teve de ser repetida vezes e vezes novamente, e ainda não foi completamente aprendida. Uma manifestação divina veio a fim de que a lição pudesse ser ensinada; e o Instrutor era kshatriya só por parte de mãe. Uma história estranha, a de seu nascimento. É dada comida a duas mulheres kshatriya, ambas teriam um filho, o marido de uma delas era um brâmane; e as duas mulheres trocaram o alimento, e isso significava que seria concebido um filho kshatriya pela mulher casada com o brâmane. Um acidente, os homens diriam; não há acidentes num universo da lei. A comida que estava cheia da energia kshatriya entrou assim na família brâmane, pois não teria sido adequado que um kshatriya destruísse os kshatriyas. A lição deste modo não seria bem ensinada ao mundo. De modo que temos o estranho fenômeno do brâmane vindo com um machado para matar o kshatriya, e três vezes sete vezes aquele machado foi erguido na matança, decepando o tronco kshatriya da face da Terra. Mas enquanto Parashurama ainda estava no corpo, chegou um grande Avatara para mostrar o que um rei kshatriya deveria ser. Os kshatriyas que abusavam de sua posição e seu poder foram destruídos por Parashurama, e, antes que Ele tivesse deixado a Terra onde a amarga lição teve de ser ensinada, o kshatriya ideal veio para ensinar, agora pelo exemplo, a lição do que deveria ser, depois da lição do que não deveria ser fora reforçada. O menino Rama nasceu, na notável história que não temos tempo de abordar, o governante ideal, o rei completamente perfeito. Quando menino Ele seguiu com o grande instrutor Visvamitra, a fim de proteger o sacrifício do

Yogi; um menino, quase uma criança, mas capaz de afugentar, como vocês lembram, os Rakshasas que interferiam com o sacrifício, e então Ele e Seu amado irmão Lakshmana e o Yogi seguiram para a corte do rei Janaka. E lá, na corte, havia um grande arco, um arco que havia pertencido ao próprio Mahadeva. Vergá-lo e disparar com aquele arco era a tarefa para o homem que haveria de casar com Sita, a menina de nascimento maravilhoso, a donzela que havia nascido do sulco que o arado abriu na terra, que não tinha pai nem mãe físicos. Quem desposaria a donzela incomparável, a encarnação de Shri Lakshmi, a consorte de Vishnu? De modo que o arco permanecia intocado, pois quem poderia usá-lo antes que aparecesse o menino Rama? E Ele o toma com descuido infantil, e o verga tão fortemente que ele se parte em dois, ecoando o barulho na Terra e nos Céus. Ele desposa Sita, a formosa, e segue com Ela, e com Seu irmão Lakshmana e sua esposa, e com Seu pai que havia chegado para a núpcia, e com uma vasta procissão, tomando seu rumo de volta para sua própria cidade de Ayodhya. Esta quebra do arco de Mahadeva ressoou por toda a Terra, esta ruptura do arco abalou todos os mundos, e todos, homens e Devas, souberam que o arco fora quebrado.

Entre os devotos de Mahadeva, Parashurama ouve o barulho do arco quebrado, o arco d'Aquele a quem adorava; e orgulhoso com a imensidão de Sua força, ainda com a energia de Vishnu em Si, Ele segue para enfrentar este menino insolente, que ousara quebra o arco que nenhum outro braço pudera curvar. Ele O desafia, e tomando Seu próprio arco insta-O a tentar fazer algo com ele. Poderia Ele lançar uma seta deste arco? Rama toma o arco oferecido, prepara-o, e coloca uma seta na corda. Então Ele pára, pois diante d'Ele está o corpo de um brâmane; deveria Ele lançar uma flecha contra aquela forma? Estando os dois Ramas frente a frente, as energia do mais velho, é escrito, passa para o mais jovem. A energia de Vishnu, a energia do Supremo, deixa a forma na qual estivera habitando e entra na manifestação superior da mesma vida divina. O arco foi estendido e a flecha esperava, mas Rama não a lançaria para que não houvesse ferimento, antes que houvesse pacificado seu antagonista; então sentindo aquela transferência de energia, Parashurama ajoelha diante de Rama, mais divino que Ele mesmo, saúda-O como Supremo Senhor dos mundos, inclina-se em reverência diante d'Ele, e então parte. Aquele Avatara estava terminado, embora a forma em que habitara ainda permanecesse. Este é o porquê de eu tê-Lo chamado um Avatara menor. Onde se tem a forma persistindo quando a influência é retirada, temos a prova de que aquela encarnação não pode ter sido completa; a passagem de um para outro é o sinal da energia retomada pelo Doador e posta em um novo veículo no qual o novo trabalho será feito.

A história de Rama vocês conhecem; não precisamos seguí-la em detalhe; falamos dela ontem em seus aspectos superiores como combatendo as forças do mal e como que reiniciando o mundo. Encontramos o grande

reinado de Rama perdurando dez mil anos no Dvapara Yuga, o Yuga ao fim do qual veio Shri Krishna.

Então vem o Grande Ser, o próprio Shri Krishna, de quem não falo hoje; tentaremos estudar este Avatara amanhã com tanta penetração e reverência que pudermos. Passemos deste então por enquanto, deixando-o para estudo mais completo, e chegamos ao nono Avatara como é chamado, o do Senhor Buda. Mas em torno deste tem fervido muita controvérsia, e existe uma teoria corrente em certa medida entre os Hindus de que o Senhor Buda, embora uma encarnação de Vishnu, veio para confundir os que não acreditavam nos Vedas, veio para semear a confusão na Terra. Vishnu é o Senhor da ordem, não da desordem; o Senhor do amor, e não o Senhor do ódio; o Senhor da compaixão, que só mata para ajudar o progresso da vida quando a forma se tornou um obstáculo. E blasfemam os que falam de uma encarnação do Supremo como vindo para perder o mundo que Ele criou. Falou corretamente desta teoria, com o desdém nascido do conhecimento, o nosso erudito pandit T. Subba Row; pois ninguém que tenha uma ponta de conhecimento oculto, ninguém que saiba algo das realidades internas da vida, poderia falar assim da formosa e graciosa manifestação do Supremo, ou sonhar que Ele pudesse assumir a grandiosa forma de um Avatara a fim de confundir.

Mas há um outro ponto a ser colocado a respeito este Avatara, sobre o qual, talvez, eu possa entrar em conflito com as pessoas de um outro partido. Pois esta é a dificuldade de manter-se o caminho do meio, o caminho do fio da navalha que não pende nem para a esquerda nem para a direita, ao longo do qual os grandes Gurus nos conduzem. De ambos os lados encontram-se objeções ao ensinamento central. O Senhor Buda, no sentido comum da palavra, não foi o que definimos como um Avatara. Ele foi o primeiro de nossa humanidade que ascendeu àquela posição, e lá mergulhou no Logos e recebeu iluminação completa. Seu corpo não foi tomado pelo Logos a fim de revelar-Se, mas foi o último de uma miríade de nascimentos através dos quais Ele ascendeu para finalmente mergulhar em Ishvara. Ele não é o que normalmente chamamos de Avatara, embora, possamos dizer, o resultado seja verdadeiramente o mesmo. Mas no caso do Avatara, os nascimentos evolutivos se dão em kalpas anteriores, e o Avatara surge depois que o homem tenha mergulhado no Logos, e o corpo é tomado para o propósito da revelação. Mas aquele que tornou-se Gautama Buda ascendeu nascimento após nascimento em nosso próprio kalpa, bem como em kalpas que houve antes; e Ele encarnou-Se muitas vezes quando a Quarta Raça habitava na poderosa Atlântida, e prosseguiu subindo para assumir o ofício de Buda; pois Buda é o título de um cargo, e não de um homem particular. Finalmente, por seus próprios esforços, o verdadeiro primogênito de nossa raça, foi Ele capaz de ascender àquela grande função no mundo. Qual é a função? A de Instrutor de Deuses e homens. Os Budas precedentes tinham sido Budas que vieram de um outro

planeta. A humanidade ainda não tinha vivido o suficiente aqui para evoluir seu próprio filho até aquela altura. Gautama Buda nasceu humano. Ele evoluiu através da Quarta Raça nesta primeira família da Raça Ariana, a Hindu. Através nascimento após nascimento na Índia ele concluiu Seu curso e assumiu Seu último corpo em Aryavarta [a Índia - NT], para fazer a proclamação da lei aos homens.

Mas a proclamação não foi feita primariamente para a Índia. Foi dada na Índia porque a Índia é o lugar de onde, pela vontade do Supremo, se irradiam as grandes religiões. Portanto Ele nasceu na Índia, mas Sua lei foi especialmente designada para nações além dos limites de Aryavarta, para que elas pudessem aprender uma moralidade pura, uma ética nobre, desligada - por causa das trevas da época - de todos os complicados ensinamentos que encontramos em conexão com a metafísica e sutil fé Hindu.

Daí encontra-se nos ensinamentos do Senhor Buda duas grandes divisões; a primeira, uma filosofia planejada para o erudito, e outra, uma ética desvinculada da filosofia, até onde diz respeito às massas, nobre e pura e grandiosa, embora fácil de ser compreendida. Pois o Senhor sabia que estávamos entrando em uma era de materialismo mais e mais profundo, que outras nações estavam emergindo, que a Índia por algum tempo estava descendo para outras nações se erguerem acima dela na escala das nações. Daí que foi necessário dar um ensinamento de moralidade adequado para uma era mais materialista, de modo que mesmo se as nações não acreditassem nos Deuses poderiam ainda praticar a moralidade e obedecer aos ensinamentos do Senhor. A fim também de que esta terra não sofresse perdas, a fim de que a própria Índia não perdesse seus ensinamentos metafísicos sutis e a fé largamente disseminada entre todas as classes de pessoas na existência dos Deuses e sua participação nos assuntos dos homens, foi feito o grande trabalho do Senhor Buda. Ele deixou uma moralidade construída sobre uma base que não pudesse ser abalada por nenhuma mudança na fé, e, tendo feito Seu trabalho, retirou-Se. Então foi enviado um outro Grande Ser, ofuscado pelo poder de Mahadeva, Shri Shankaracharya, a fim de que por Seu ensino Ele pudesse dar, no Advaita Vedanta, a filosofia que faria intelectualmente o que realizara moralmente o Buda, uma intelectualidade que guardasse espiritualidade e permitisse a uma era materialista quebrar seus dentes contra a dura noz de uma filosofia impecável. Assim na Índia triunfou a religião metafísica, enquanto que os ensinamentos do Abençoado espalharam-se para fora do solo Indiano, para realizar seu nobre trabalho em terras outras que não a terra de Aryavarta, a qual deveria manter intacta sua fé nos Deuses, e onde tanto grandes quanto pequenos pudessem se curvar diante de seu poder. Esta é a verdade real sobre a muito disputada questão do ensinamento do nono Avatara; o fato foi que Seu ensinamento não objetivava Seu lugar de origem, mas pretendia alcançar outras nações



mais jovens que estavam nascendo em torno, que não seguiam os Vedas, mas que mesmo assim necessitavam de instrução na senda da justiça; e Seu ensinamento foi dado não para perdê-las, mas para guiá-las. Mas, como eu disse, e como repito, o que neste ensinamento poderia ter causado dano na Índia, se ela tivesse sido deixado desamparada, foi evitado pela vinda do grande Instrutor do Advaita. Vocês devem lembrar que Seu nome tem sido usado por homem após homem, através de século após século; mas o Shri Shankaracharya em quem estava o poder de Mahadeva nasceu apenas uns poucos anos após o desaparecimento do Buda, como demonstram claramente os registros do Dwaraka Math - dando data após data retroativamente, até que trazem o Seu nascimento para dentro de 60 a 70 anos depois do passamento do Buda.

E chegamos ao décimo Avatara, o futuro, o Kalki. D'Ele só pouco pode ser dito; mas uma ou duas sugestões talvez possam ser dadas. Com Sua chegada despontará uma era mais brilhante; com Sua chegada terminará o Kali Yuga; com Sua chegada também nascerá uma raça superior de homens. Ele virá quando tiver nascido sobre a Terra a sexta Raça Raiz. Lá então haverá uma grande mudança no mundo, uma grande manifestação da verdade, da verdade oculta, e quando Ele vier então o ocultismo novamente será capaz de mostrar-se ao mundo por provas que ninguém será capaz de questionar ou negar; e Ele em Sua vinda dará o governo sobre a sexta Raça Raiz aos dois Reis, sobre os quais lê-se no Kalki Purana. Olhando para trás a linha de tempo passada encontramos repetidamente duas grandes figuras lado a lado - o Rei ideal e o Sacerdote ideal. Eles trabalham juntos; um rege, o outro ensina; um governa a nação, o outro a instrui. E este par de Poderosos vem em cada era para toda e cada Raça. Cada Raça tem seu próprio Instrutor, o brâmane ideal, chamado na linguagem Budista o Bodhisattva, o iluminado, cheio de sabedoria e verdade. Cada uma também tem seu próprio governante, o Manu. Estes dois podemos encontrar no passado, em Suas encarnações reais; e Os vemos na terceira, na quarta, na quinta Raças; o Manu em cada raça é o Rei ideal, o Brâmane em cada raça é o Instrutor ideal; e sabemos que quando o Kalki Avatara vier Ele chamará da cidade secreta de Shamballa - a cidade conhecida do ocultista mas não do profano - dois Reis que permaneceram durante toda a era a fim de ajudar o mundo em sua evolução. E o nome do Manu que será o Rei da próxima Raça, é dito no Purana que será Moru; e o nome do Brâmane ideal que será o Instrutor ideal é dito que será Devapi; e estes dois são o Rei e o Instrutor para a sexta Raça que há de nascer.

Aqueles de vocês que leram algo sobre a espantosa história do passado saberão que a seleção da nova Raça, sua evolução, a criação de uma nova Raça Raiz, é uma coisa que leva séculos, milênios, algumas vezes centenas de milhares de anos; e que os dois que serão seus Rei e Sacerdote, o Manu e o Brâmane, trabalham através dos séculos,

escolhendo os homens que poderão ser as sementes da nova Raça. No seio da quarta Raça foi feita uma seleção da qual nasceu a quinta; isolada no deserto de Gobi, durante enormes períodos de tempo, aquela família escolhida foi treinada, educada, exaltada, até que o seu Manu encarnou-Se nela, e também Seu Instrutor encarnou-Se nela, e a primeira família Ariana foi conduzida para instalar-se em Aryavarta. Também no seio da quinta Raça, a sexta Raça é uma seleção, e o Rei e o Instrutor da sexta Raça já estão trabalhando em Sua obra grandiosa e beneficente. Eles estão escolhendo um por um, provando e testando, aqueles que formarão o núcleo da sexta Raça; Eles estão tomando alma por alma, submetendo cada uma a muitos testes, a muitos ordálios, a fim de verificar se há a força da qual possa nascer uma nova Raça; e na completude dos tempos quando Seu trabalho estiver pronto, então virá o Kalki Avatara, para dissipar as trevas, para deixar o Kali Yuga no passado, para proclamar o nascimento do novo Satya Yuga, com uma Raça nova e mais espiritual, que viverá daí em diante. Então Ele chamará os escolhidos, o Rei Moru e o Brâmane Devapi, e entregará em Suas mãos a Raça que Eles estão construindo agora, a raça que habitará um mundo melhor, para levar adiante a evolução da humanidade.

## QUARTA PALESTRA

### SHRI KRISHNA

Meus irmãos, há temas tão excelsos que uma língua de Deva não seria suficiente para fazer plena justiça ao que encerram, e quando pensamos na música da flauta de Shri Krishna, toda música humana parece como dissonâncias no meio de suas melodias. Não obstante, uma vez que bhakti cresce pelo pensamento e pela palavra, não é inoportuno que nos acerquemos de um assunto tão sagrado; somente ao tratar dele devemos precisar sentir nossa incompetência, devemos precisar lamentar nossas limitações, devemos precisar almejar por maior poder de expressão do que o que dispomos aqui embaixo. Pois, talvez, entre todas as divinas manifestações que glorificaram o mundo, não há nenhuma que tenha suscitado um sentimento mais vasto e terno do que o Avatara que estudaremos esta manhã.

As glórias mais austeras de Mahadeva, o Senhor do fogo fundamental, atraem mais os corações daqueles que estão cansados do mundo e que percebem a futilidade das atrações mundanas; mas Shri Krishna é o Deus do lar, o Deus da vida familiar, o Deus cujas manifestações atraem em todos os estágios de Sua Auto-revelação; Ele é humano até o cerne; nascido na humanidade, como Ele mesmo disse, Ele age como um homem. Como uma criança, Ele é uma verdadeira criança, cheio de vivacidade, de diversões, de graça arrebatadora. Crescendo para a meninice, para a maturidade, Ele exerce a mesma fascinação humana sobre os corações dos

homens, das mulheres e das crianças; o Deus em cuja presença há contínuo riso e música. Quando pensamos em Shri Krishna parecemos ouvir o murmúrio do rio, o sussurro das folhas na floresta, o mugido das vacas na pastagem, a risada das crianças felizes brincando ao redor das pernas de seus pais. Ele é por demais fundamentalmente o Deus que é humano em tudo; que se inclina com simpatia humana sobre o berço do bebê, que simpatiza com os jogos da juventude, que é o amigo do amante, o abençoador do matrimônio e dos esposos, que sorri para a jovem mãe quando seu primogênito descansa em seus braços - em tudo o Deus do amor e da felicidade humanos; não admira que Sua graça arrebatadora tenha fascinado os corações dos homens!

Então, nesta manhã, iremos estudá-Lo. Mas um Avatara - eu digo isto para eliminar algumas dificuldades preliminares - um Avatara tem dois grandes aspectos para o mundo. Primeiro, Ele é um fato histórico. Não nos esqueçamos disto. Quando estamos lendo a história dos Grandes Seres, lemos história e não fábulas. Mas é mais que história; os Avataras desempenham no palco do mundo um magnífico drama. É como se Shri Krishna fosse um ator em Seu próprio mundo, e sendo tão amplo o espectro que cobriu em Suas manifestações da complexa vida humana, a fim de tornar o vasto assunto um pouco mais manejável, dividi este drama como que em seus atos separados. Estou usando por ora a linguagem do teatro, pois imagino que ela deixará minhas palavras um pouco mais claras. Isto é, ao tratar de Sua vida, tomei suas cenas que são claramente ressaltadas, e em cada uma delas veremos um grande modelo do ensinamento que o mundo deve aprender do desenrolar deste drama diante dos olhos dos homens. Em alguma extensão as cenas correspondem a períodos específicos na vida, e nalguma medida interpenetram-se mutuamente; mas tendo-as claras em nossas mentes seremos capazes, imagino, de captar melhor todo o propósito do Avatara - deveríamos ter como que compartimentos na mente nos quais os diferentes tipos de ensinamentos poderiam ser dispostos.

Primeiro então Ele vem para apresentar ao mundo um grande Objeto de bhakti, e o amor de Deus por Seu bhakta, ou devoto. Este é o objetivo do primeiro ato do grande drama - apresentar-Se como Objeto de devoção, e demonstrar o amor com que Deus olha Seus devotos. Temos ali uma cena específica na vida de Shri Krishna.

Então o segundo ato do drama pode ser dito ser Seu caráter como o destruidor das forças oponentes que retardam a evolução, e isto perpassa todo o conjunto de Sua vida.

O terceiro ato é o do homem de estado, do ator sábio, político e intelectual neste palco da história do mundo, a força diretriz da nação por Sua maravilhosa diplomacia e inteligência, apresentando-Se não como um rei

mas antes como um estadista.

Depois O temos como amigo, o amigo humano, especialmente dos Pandavas e de Arjuna.

O próximo ato é o de Shri Krishna como Instrutor, o instrutor do mundo, não só o de uma só raça.

A seguir O vemos no estranho e espantoso aspecto de Examinador dos corações dos homens, Aquele que prova e testa a natureza humana.

Finalmente, podemos considerá-Lo em Sua manifestação como o Supremo, a onipresente vida do universo, que não encontra nada fora de Si mesmo, que engloba em Seus braços o mal e o bem, a sombra e a luz, nada sendo alheio a Si mesmo.

Nestes sete atos a história da vida como que pode ser dividida, e cada um deles poderia servir como objeto de estudo para toda uma vida, em vez de comprimi-los numa palestra de uma manhã. Tomaremos, entretanto, um a um, embora inadequadamente; pois as sugestões que eu dou podem ser elaboradas por vocês em detalhe de acordo com a constituição de suas próprias mentes. Um aspecto atrairá uma pessoa, outro aspecto seduzirá a outra; todos os aspectos são dignos de estudo, todos despertam a devoção. Mas acima de todos, a respeito de devoção, está a primeira cena de Sua vida, inspiradora e cheia de bênçãos, aqueles primeiros anos do Senhor como infante, como criança, como jovem menino, quando Ele ainda mora em Vraja, na floresta de Brindaban, quando Ele vive entre os vaqueiros e suas esposas e seus filhos, a criança maravilhosa que roubou o coração dos homens. É notável - e se isso fosse recordado muitas blasfêmias não teriam sido proferidas - que Shri Krishna escolha mostrar-Se como o grande objeto de devoção, como o amante dos devotos, sob a forma de uma criança, e não sob a de um homem.

Sigam-me então até a época de Seu nascimento, lembrando que antes que este nascimento tivesse lugar sobre a Terra, as Deidades haviam ocorrido a Vishnu nas regiões superiores, e haviam-Lhe pedido para interferir a fim de que a Terra pudesse ser aliviada de sua carga, a opressão dos Daityas encarnados pudesse ser obstada; e então Vishnu disse aos Deuses: "Ide vós e encarnai vós mesmos em grupos no meio dos homens, ide vós e tomai nascimento entre a humanidade". Grandes Rishis também tomaram nascimento no lugar onde o próprio Vishnu havia de nascer, para que antes que Ele viesse, como que fosse criado o cenário do drama no local de Sua chegada, e aqueles de quem falamos como sendo os vaqueiros de Vraja, Nanda e aqueles de Seu círculo, as Gopis e todos os habitantes daquele lugar maravilhosamente abençoado, eram, nos dizem, "pessoas

semelhantes a Deuses"; melhor, elas eram "os Protetores dos mundos" que nasceram como homens para o progresso do mundo. Mas isto significa que os próprios deuses desceram e tomaram nascimento como homens; e quando pensamos em tudo o que aconteceu em toda a maravilhosa infância da Lila [brincadeira; faz referência ao conceito ortodoxo hindu de que o universo não é mais que um passatempo de Deus - NT] de Shri Krishna, devemos lembrar que aqueles que atuaram naquele ato do drama não eram homens comuns, nem mulheres comuns; eram os Protetores dos mundos, encarnados como vaqueiros em Seu redor. E as Gopis, as graciosas esposas dos pastores, eram os Rishis dos antigos tempos, que por devoção a Vishnu obtiveram a bênção de encarnar como Gopis, a fim de que pudessem rodear Sua infância, e derramar seu amor aos minúsculos pés do menino que viam como menino, do Deus que adoravam como supremo.

Quando todos estes preparativos estavam feitos para a vinda da criança, a criança nasceu. Não me demorarei em todos os bem conhecidos incidentes que cercaram Seu nascimento, a profecia de que o destruidor de Kamsa iria nascer, o fútil encarceramento no calabouço, o acorrentamento, e todas as outras sandices com que o tirano terreno tentou tornar impossível o cumprimento de um decreto do Supremo. Todos vocês sabem como seus planos deram em nada, assim como os castelos de areia erguidos pelas mãos das crianças são desmanchados quando uma onda do mar invade o lugar onde elas brincam. Ele nasceu, nasceu em Sua forma de quatro braços, brilhando por um momento no calabouço, que antes de Seu nascimento havia sido irradiado por Ele através do corpo de Sua mãe, que diz-se ter sido como um vaso de alabastro - tão pura ela era - com uma chama dentro de si. Pois o Senhor Shri Krishna estava em seu ventre, ela mesma o vaso de alabastro que era como que uma lâmpada contendo-O, a luz do mundo, de modo que a glória iluminou a escuridão da prisão onde ela estava. No Seu nascimento Ele veio como Vishnu, por um momento mostrando todos os sinais da Deidade n'Ele, com o disco, a concha, a shrivatsa em Seu peito, com todos os emblemas reconhecidos do Senhor. Mas esta forma logo se desvaneceu, e ficou somente a criança diante dos olhos de Seus pais. E o pai, vocês lembram, tomando-O, passou pelas grandes portas aferrolhadas e tudo mais, e carregou-O a salvo para a casa de seu irmão, onde viveria no local preparado para Sua chegada.

Como bebê Ele mostrou o poder que estava n'Ele, como veremos, quando chegarmos à segunda cena, o destruidor das forças do mal. Mas por ora só O vejam enquanto Ele brinca ao abrigo da casa de sua mãe, enquanto Ele se diverte com as crianças de Sua própria idade. E quando passa à meninice, capaz de andar sozinho, Ele começa a perambular pelos campos e pela floresta, e as notas de Sua flauta maravilhosa são ouvidas em todos os recônditos e em todos os descampados. A criança, um menino de cinco anos - só cinco anos de idade e já passeava com Sua flauta mágica em Suas mãos, encantando os corações de todos os que ouviam; de modo que

os meninos deixavam de cuidar das reses e seguiam a música da flauta; as mulheres deixavam seus afazeres domésticos e seguiam para onde a flauta estava sonando; os homens interrompiam seus trabalhos para que pudessem deleitar seus ouvidos com a música da flauta. E mais, não só os homens, as mulheres e crianças, mas o gado, se diz, parava de pastar para ouvir quando as notas caíam em seus ouvidos, e os bezerros paravam de mamar quando a música lhes chegava no vento, e o rio se encapelava para que pudesse ouvir melhor, e as árvores baixavam seus ramos a fim de não perder uma só nota, e as aves já não cantavam para que sua canção não dissonasse contra a melodia, enquanto a criança prodigiosa caminhava pela região, e a música do céu fluía de Sua flauta encantada.

E assim vivia e brincava e se entretinha, e os corações de todos os vaqueiros e suas esposas e filhas iam para aquela criança maravilhosa. E Ele brincava com eles e os amava, e eles O tomavam e colocavam Seus pés de bebê em seus regaços, e cantavam-n'O como o Senhor de tudo, o Supremo, o poderoso Ser. Eles reconheciam a Deidade na criança que brincava em torno de suas casas, e Ele, esta criança, lhes ensinava muitas lições entre Suas diversões e travessuras - lições que ainda ensinam o mundo, e aqueles que sabem mais entendem melhor.

Deixem-me tomar um exemplo que lábios ignorantes têm usado mais no intuito de insultar, de tentar difamar a majestade que eles não compreendem. Mas deixem-me dizer isto: que eu creio que na maior parte dos casos onde estes amargos insultos são proferidos, o são por pessoas que jamais realmente leram a história, e que ouviram apenas fragmentos dela e preencheram o restante com sua própria imaginação. Portanto eu tomo um incidente particular sobre o qual tenho mais ouvido falarem com acidez como uma prova da horrível imoralidade de Shri Krishna.

Quando a criança de seis anos estava um dia passeando a esmo, como Ele costumava, algumas Gopis estava se banhando nuas no rio, tendo despido suas roupas - o que não deveriam ter feito, sendo contra a lei e demonstrando descaso pela modéstia feminina. Deixando suas vestes na margem, mergulharam no rio. A criança de seis anos viu isto com o olho interior, e juntou aquelas roupas e subiu numa árvore por perto, levando-as consigo, e jogou-as sobre Seus ombros e esperou para ver o que aconteceria. A água estava muito fria e as Gopis estavam tremendo; mas elas não gostariam de sair dela diante dos olhos atentos da criança. E Ele as chamou, que viessem, e tomassem as roupas que haviam largado; e como elas hesitassem, os lábios infantis disseram que elas haviam pecado contra Deus por imodéstia ao despir as roupas que deviam estar usando, e deviam assim expiar seu pecado vindo e recuperando de Suas mãos aquilo que haviam abandonado. Elas vieram e adoraram, e Ele lhes devolveu seus vestidos. Uma história imoral, com uma criança de seis anos como figura central! Fala-se disso como se Ele fosse um homem plenamente crescido,

insultando a modéstia das mulheres. As Gopis eram Rishis, e o Senhor, o Supremo, como um bebê está-lhes ensinando uma lição. Mas há mais do que isso; há uma profunda lição oculta por trás da história - uma história repetida muitas e muitas vezes em diferentes formas - e é esta: que quando a alma está se aproximando do Senhor supremo em uma grande etapa de iniciação, tem de passar por um grande ordálio; despojada de tudo de que uma vez dependeu, despojada de tudo exceto de seu Eu interior, privada de toda ajuda externa, de toda proteção externa, de todo apoio externo, a própria alma, em sua própria vida inerente, deve ficar nua e sozinha com nada onde se apoiar, exceto a vida do Eu interior. Se ela fraqueja diante do ordálio, se procura qualquer coisa onde até então encontrara ajuda, se nesta hora suprema ela grita por amigo ou ajudante, mesmo que seja o próprio Guru, falha a alma no ordálio. Nua e solitária, ela deve prosseguir, sem absolutamente nada que a ajude exceto a divindade em si mesma. E esta nudez da alma quando se aproxima da meta suprema é o que é contado naquela história de Shri Krishna, a criança, e as Gopis, a nudez da vida diante do Ser que a concedeu. Encontramos muitas outras alegorias semelhantes. Quando o Senhor vem como Kalki, o décimo Avatara, Ela luta no campo de batalha e é derrotado. Usa todas as Suas armas; e todas Lhe falham; e é só quando deixa de lado todas as armas e luta com Suas mãos nuas, que Ele vence. Exatamente a mesma idéia. O intelecto, tudo, falha à alma nua diante de Deus [Igualmente na Imitação de Cristo, obra de um ocultista, é escrito que devemos "seguir nus o Jesus nu" - NE].

Se tomei esta história especialmente, dentre centenas de histórias, para ser contada, é porque é um dos pontos atacados, e porque vocês que são Hindus de nascimento deveriam saber o bastante sobre as verdades internas de sua própria religião para não ficarem calados e envergonhados quando são feitos ataques, mas deveriam falar com conhecimento e assim evitarem tais blasfêmias.

Então conhecemos mais detalhes de Suas brincadeiras com as Gopis como uma criança de sete anos; como Ele entrou na floresta e desapareceu e todos foram atrás procurá-Lo; como todos tentavam imitar Seu modo de brincar, a fim de preencher o vazio que foi criado por Sua ausência. A criança de sete anos, como Ele era na época, desapareceu por um tempo, mas voltou Àqueles que O amavam, como Deus sempre faz com Seus bhaktas. E então ocorre aquela dança admirável, a Rasa [dança - NE] de Shri Krishna, parte de sua Lila, quando Ele multiplicou-Se de modo que cada dupla de Gopis encontrou-O ficando entre elas; no círculo de mulheres a criança estava lá entre cada dupla delas, dando uma mão para cada uma; e assim a dança mística foi dançada. Este é outro dos pontos do ataque feito pelas mentes ignorantes. O que senão uma mente impura poderia ver de impuro na criança dançando lá como amante e amado? É como se Ele olhasse no futuro e visse o que mais tarde seria dito, e é como se Ele tivesse mantido a forma infantil na Lila, a fim de que Ele pudesse inspirar

com inocência nos corações cegos e impuros dos homens a lição que Ele devia dar alegremente. E qual foi a lição? Lembro-lhes um outro incidente, antes que eu tire a lição do conjunto desta cena de Sua vida. Ele mandou buscar comida, Ele, o Alimentador dos mundos, e alguns de Seus brâmanes recusaram dá-la, e despacharam os meninos que vieram pedir comida para Ele; e quando os homens recusaram, Ele os enviou de volta às mulheres, para ver se elas também recusariam a comida que seus maridos haviam declinado de dar. E as mulheres - que sempre amaram o Senhor - recolheram a comida de todas as partes de suas casas onde puderam encontrá-la e saíram, multidões delas, levando comida para Ele, deixando casa e marido e deveres domésticos. E todos tentaram impedi-las, mas elas não seriam impedidas; e irmãos e maridos e amigos tentaram trazê-las de volta, mas não, elas iriam até Ele, ao seu Amante, Shri Krishna; Ele não devia passar fome, a criança de seus amores. E assim foram e Lhe deram comida e Ele comeu. Mas dizem: "Elas deixaram seus maridos! Deixaram suas casas! Quão errado é deixar maridos e lares e seguir atrás de Shri Krishna!" A implicação sempre é a de que seu amor era amor puramente físico, como se isso fosse possível para com uma criança de sete anos! Eu sei que palavras de amor físico são usadas, e sei que é dito em uma curiosa tradução que "elas foram sob o feitiço de Cupido". Não interessam as palavras, vejamos os fatos. Não há sequer uma religião no mundo que não tenha ensinado que quando o Supremo chama, tudo mais deve ser posto de lado. Tenho visto Shri Krishna ser comparado com Jesus de Nazaré, em detrimento de Shri Krishna, e o contraste é pretendido entre a pureza de um e a impureza do outro. A prova dada é a de que os maridos foram abandonados enquanto as esposas foram para entreter-se e atender o Senhor. Mas li palavras que saíram da boca de Jesus de Nazaré: "Aquele que ama pai e mãe mais que a mim, não é digno de mim; e aquele que ama filho ou filha mais que a mim não é digno de mim". "E todo aquele que abandonar casa, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou esposa, ou filhos, ou terras, em meu nome, receberá centuplicado, e herdará a vida eterna" (Mateus, X, 37; e XIX, 29). E de novo, ainda com mais veemência: "Se algum homem vier a mim e não odiar seu pai, e mãe, e esposa, e filhos, e irmãos, e irmãs, sim, e ainda também sua própria vida, não poderá ser meu discípulo" (Lucas, XIV, 26). Esta é exatamente a mesma idéia. Quando Jesus chama, marido e mulher, pai e mãe, devem ser esquecidos, e a recompensa será a vida eterna. Por que isto é certo quando feito para Jesus, e é errado quando feito para Shri Krishna?

Não é apenas que encontramos os mesmos ensinamentos em ambas as religiões; mas em todas as outras religiões do mundo os termos do amor físico são usados para descrever a relação entre a alma e Deus. Tomem o Cântico de Salomão. Se o tomarmos na Bíblia Cristã e lermos seu subtítulo encontraremos: "O Amor de Cristo por Sua Igreja"; e se do subtítulo passarmos ao texto, encontraremos a mais apaixonada das canções de amor, a descrição da primorosa forma feminina em todos os detalhes de sua



beleza atraente; o grito do amante à amada para que venha a ele para que possam saciar-se de sua pletera de amor. "Cristo e Sua Igreja" supostamente fazem tudo direito, e estou contente que seja assim. Não tenho nenhuma palavra contra o Cântico de Salomão, nem nenhuma queixa contra seu imaginário opulento e luxuriante; mas recuso tomar do Hebreu como puro o que rejeito do Hindu como impuro. Peço que tudo seja julgado com os mesmos critérios, e se um for condenado a mesma condenação seja imposta contra o outro. Da mesma maneira nas canções dos Sufis, os místicos da fé Islâmica, o amor da mulher é sempre usado como o melhor símbolo do amor entre a alma e Deus. Em todas as eras o amor entre marido e mulher tem sido o símbolo da união entre o Supremo e Seus devotos; a mais íntima de todas as uniões terrenas, a fusão de coração e corpo de dois em um só - onde encontraremos uma imagem melhor do mergulho da alma em seu Deus? O objeto da devoção sempre tem sido simbolizado como o amante ou esposo, e sempre o devoto como esposa ou concubina. Esta simbologia é universal, porque é fundamentalmente verdadeira. A absoluta entrega da esposa ao esposo é o modelo sobre a Terra da absoluta entrega da alma a Deus. Esta é a justificação da Rasa de Shri Krishna; esta é a explicação da história de Sua vida em Vraja.

Demorei-me especialmente nisto, meus irmãos, e todos sabem o porquê. Deixemos isto agora, lembrando que até o século XIX esta história suscitou somente devoção e não obscenidade, e é somente com a introdução do tipo mais grosseiro de pensamento ocidental que estas idéias entraram no Bhagavad-Purana. Quisera Deus que os Rishis houvessem ocultado o Shrimad Bhagavata de uma raça que é indigna de o possuir; como Eles já ocultaram a maior parte dos Vedas, a maior parte dos livros antigos; que retirassem também esta história do amor de Shri Krishna, até que os homens fossem puros ao bastante para lê-la sem blasfêmia e puros o bastante para lê-la sem idéias de sexualidade.

Passemos breve, muito brevemente, desta para a próxima grande cena, a de Destruidor do mal. Do tempo em que era ainda bebê de semanas quando Ele sugou a Rakshasi Putana até a morte. Do tempo em que Ele entrou na grande caverna feita pelo demônio, e expandindo-Se despedaçou-o; do tempo em que pisou na cabeça da serpente Kaliya de modo que ela não pudesse envenenar a água necessária para o consumo das pessoas; até que deixou Vraja para enfrentar Kamsa, encontramos-Lo sempre afastando todas as formas de mal que entravam nos limites de Sua terra. Contam-nos que quando deixou Vraja e chegou ao campo de torneios de Kamsa com Seu irmão, eram ambos apenas garotos, com os corpos tenros e delicados de jovencinhos. Depois de toda a Lila ter acabado eram ainda crianças, quando saíram para lutar. Deste tempo em diante Ele enfrentou, uma após outra, as grandes encarnações do mal e esmagou-as com Sua força irresistível; não precisamos nos deter nestas histórias, pois elas abundam em toda Sua vida.

Chegamos à terceira cena, a de Estadista, uma característica maravilhosamente interessante em Sua vida - o tato, a delicadeza, a previsão, a habilidade sempre a colocar o homem Seu oponente no erro, assim abrindo Seu caminho e levando outros com Ele. Como sabem, esta parte de Sua vida é passada especialmente em conexão com os Pandavas. Ele é o que em todas as negociações difíceis segue como embaixador; é Ele que vai com Arjuna e Bhima para matar o rei gigante Jarasandha, que estava para fazer um sacrifício humano a Mahadeva, um sacrifício que Ele foi impedir por ser blasfemo; foi Ele que foi com eles a fim de que o conflito pudesse ter lugar sem transgredir a menor das regras da moralidade kshattriya. Sigamo-Lo quando entra com Arjuna e seu irmão na cidade do rei. Eles não entrarão pelo portão aberto, esta é a entrada do amigo. Eles derrubam uma parte do muro como sinal de que vinham como inimigos. Eles não irão sem paramentos; e perguntados por que usavam flores e sândalo a resposta foi de que tinham vindo para a celebração de um triunfo, o cumprimento de um voto. Tendo sido oferecida comida, a resposta do grande embaixador é de que não aceitariam comida então, mas que depois encontrariam o rei e explicariam seu intento. Quando chega a hora Ele lhe diz, na linguagem mais cortês mas ao mesmo tempo claríssima, que todos estes atos foram executados para que ele soubesse que eles haviam vindo não como amigos, mas para desafiá-lo à batalha. Assim, quando a questão novamente é levantada, depois dos treze anos de exílio, como a terra poderia ser reconquistada sem combate, sem luta, O vemos na assembléia dos Pandavas e seus amigos com o mais sábio conselho de como porventura a guerra poderia ser evitada; O vemos Se oferecendo para ir como embaixador para que todo o encanto de Sua língua de ouro pudesse ser empregado para a preservação da paz; O vemos indo como embaixador e evitando todos os pavilhões erguidos por ordem de Duryodhana, para que Ele não recebesse de um inimigo uma cortesia que poderia comprometê-Lo significando amizade. Assim, quando atende, como impõe a cortesia, ao chamado de Duryodhana, nunca falhando no perfeito dever do embaixador, atendendo a cada requisito de polidez, Ele não tocará na comida que poderia criar um laço entre Ele mesmo e aquele contra quem viera combater. Vejam como a única comida que Ele tomará será a do irmão do Rei, e só esta. Ele diz: "é pura e digna de ser consumida por mim". Vejam como na assembléia dos reis hostis Ele tenta pacificar e agradar. Vejam como Ele se desculpa com a mais gentil humildade; como ao grande rei, o rei cego, Ele fala em nome dos Pandavas como um suplicante, e não como um inimigo ultrajado e indignado. Vejam como, por palavras suaves, Ele tenta dissipar as palavras da cólera, e usa todos os recursos da oratória para ganhar seus corações e convencer suas decisões. Vejam como mais tarde, novamente, quando a batalha de Kurukshetra está acabada, quando todos os filhos do rei cego estão mortos, vejam como Ele vai mais uma vez como embaixador para encontrar o pai já sem filhos e, ainda mais sofrida, a mãe sem filhos, para que a primeira ira pudesse desfazer-se contra Ele

mesmo, e Suas palavras pudessem dissipar a raiva e suavizar a dor da aflita. Vejam como mais tarde Ele ainda guia e aconselha até que todo o trabalho está feito, até que Sua obra está completa e Seu fim está chegando perto. Um estadista de maravilhosa habilidade; um político do mais perspicaz tato e visão; como se para dizer aos homens do mundo que quando estão agindo como homens do mundo deviam estar atentos à justiça, mas também atentos à discricção e à habilidade, pois não há nada alheio à verdade da religião na habilidade da língua e no uso da mais penetrante inteligência do cérebro.

Então passemos d'Ele como Estadista para Sua caracterização como Amigo. Tivesse eu tempo para demorar-me nisto, e pintar-lhes algumas das mais belas imagens de Suas relações com a família que Ele amou tanto, desde o dia em que, estando no meio da auto-escolha de Krishna [não o Senhor Krishna, mas Krishna, apelido de Draupadi, o qual significa escura, morena, por causa da cor de sua pele - NT], a bela futura esposa dos Pandavas, Ele viu, pela primeira vez naquela encarnação humana, Arjuna, Seu amado de outros tempos. Pensem no que deve ter sido quando os olhos dos dois jovens homens se encontraram, com as memórias em um da estreita amizade do passado, e a atração do outro, pelo laço dos muitos nascimentos, ao velho amigo que desconhecia. Quando eles primeiro se encontraram nesta vida, deste dia em diante, quão constante é Sua amizade, quão incessante é Sua proteção, quão cuidadoso Seu pensamento para preservar suas honras e vidas; e ainda quão sábio; em cada momento em que Sua presença poderia frustrar o objetivo de Sua vinda, Ele Se retira. Ele não está presente no grande jogo de dados, pois isto era necessário para o cumprimento do propósito divino; Ele estava longe. Tivesse estado lá; precisaria ter interferido; tivesse estado lá, não poderia ter deixado Seus amigos desvalidos. Ele permaneceu longe, até que Draupadi gritou por ajuda em sua agonia quando sua modéstia foi ameaçada; então Ele veio com Dharma e vestiu-a com roupas à medida em que estas eram retiradas dela; mas então o jogo acabou, a sorte estava lançada, e o destino tinha se dirigido para seu caminho indicado.

Que estranho observar este trabalho! Um objetivo seguido sem mudança, sem hesitação: mas todos os meios foram usados que poderiam dar às pessoas uma oportunidade de escapar se somente quisessem. Ele veio para dar ensejo a esta batalha de Kurukshetra. Ele veio, como veremos num momento, a fim de executar aquele objetivo único em preparação para os séculos que se estenderiam à frente; mas em sua execução, Ele daria todas as chances aos homens que estavam envolvidos naquele mal por seu próprio passado, de modo que se um deles respondesse ao Seu apelo poderia passar para o lado da luz contra as forças das trevas. Ele nunca vacilou em Seu objetivo; mas nunca deixou de usar qualquer meio que um homem pudesse usar para evitar que este objetivo acontecesse. Uma lição cheia de significado! A vontade do Supremo deve ser cumprida, mas o

cumprimento desta vontade não é escusa para que nenhum indivíduo deixe de cumprir a lei no máximo de seu poder. Embora a vontade devesse ser cumprida, tudo que a justiça permitisse e a compaixão sugerisse seria feito a fim de que os homens pudessem escolher a luz às trevas, e para que só o resolutamente obstinado pudesse enfim ser tragado pela ruína que cairia sobre a região.

Como Instrutor - preciso falar d'Ele como instrutor, Ele que deu o Bhagavad-Gita entre os exércitos combatentes em Kurukshetra? Instrutor não só de Arjuna, não só da Índia, mas de todo coração humano que pudesse ouvir a instrução espiritual, e entendesse um pouco da profunda sabedoria lá envolta nas palavras humanas. Lembrem uma frase: "Eu, oh Arjuna, sou o Instrutor e a mente é minha discípula"; a mente de todos os homens que desejam ser ensinados; a mente de cada um que está pronto para ser instruído. Jamais o instrutor espiritual retém o conhecimento por enciumar-se dele. Ele é impedido de dar pela falta de receptividade naqueles a quem Sua mensagem é endereçada. Os homens julgam mal o coração divino dos grandes Instrutores, ou o pálido reflexo daquele amor na boca de Seus mensageiros, quando pensam que o conhecimento é escondido porque é uma posse preciosa a ser parcimoniosamente concedida, para que seja compartilhada o menos possível. Não é a negação do instrutor mas o fechamento do coração do ouvinte; não é a hesitação do instrutor mas a falta de ouvidos para ouvir; não é a escassez de instrutores mas a escassez de discípulos desejosos e prontos para serem ensinados. Ouço os homens falar: "Por que não um Avatara agora, ou se não um Avatara, por que os grandes Rishis não se adiantam para proclamar Sua sabedoria dourada para os ouvidos dos homens? Por que Eles nos deserdam? Por que nos abandonam? Por que este mundo nesta época não deveria ter a sabedoria como a deram antigamente?" A resposta é que Eles estão esperando, esperando, esperando, com incansável paciência, a fim de encontrar alguém querendo ser ensinado, e quando um coração humano se abre e diz: "Oh Senhor, ensina-me", então o ensinamento desce em uma correnteza de energia divina e inunda o coração. E se vocês não têm o ensinamento é porque seus corações estão fechados com a chave do ouro, com a chave da fama, com a chave do poder, e com a chave do desejo pelos prazeres deste mundo. Enquanto estas chaves fecharem seus corações, os mestres da sabedoria não poderão entrar; mas destranquem os corações e joguem fora a chave, e vocês se encontrarão inundados de uma sabedoria que está sempre à espera de entrar.

Como Examinador dos corações - ah!, aqui novamente Ele é tão difícil de entender, este Senhor da Maya, este Mestre da ilusão. Ele testa os corações de Seus amados, não tanto do mundo em geral. Para eles é o ensino que os conduz na correção. Para Arjuna, para Bhisma, para Yudhishtira, para eles o toque mais pungente, a pior prova, a fim de ver se no coração ainda persiste algum grão de mal que impeça sua união com

Ele. Pelo que Ele procura? Que eles sejam Ele mesmo, que eles entrem em Seu ser. Mas eles não podem entrar lá enquanto alguma semente de mal permanecer em seus corações. Eles não podem entrar lá enquanto restar algum pecado em suas naturezas. E assim na ternura e não na ira, no mais sábio amor e não com um desejo de confundir, o Senhor do Amor testa os corações de Seus amados, para que qualquer mal que haja neles possa ser retirado pela tenaz que Ele lhes aplica. Lembro de duas ou três ocasiões assim. Posso talvez mencionar um par delas para mostra-lhes o método do teste. A batalha de Kurukshetra estava durando muitos dias; milhares e dezenas de milhares de mortos jaziam espalhados naquele terrível campo, e todos os dias quando o sol se erguia Bhishma avançava, generalíssimo do exército dos Kurus, arrasando tudo o que lhe vinha pela frente, exceto onde Arjuna lhe impedia o caminho; mas Arjuna não podia estar em todos os lugares; ele estava alhures, com os cavalos guiados pelo Condutor Shri Krishna atravessando o campo como um furacão, levando a vitória consigo; e onde estavam o Condutor e Arjuna, Bhishma não conseguia passar. Os corações dos Pandavas esmoreciam lentamente com isso, até que numa noite, debaixo de suas tendas, descansando antes do próximo dia de combate, o amargo desespero do Rei Yudhishthira encontrou expressão em palavras, e ele declarou que antes que Bhishma fosse morto nada poderia ser feito. Então veio o teste dos lábios do Examinador de corações: "Ouvi, Eu irei e o matarei de manhã". Consentiria Yudhishthira? Uma promessa o impedia. Vocês podem lembrar que quando Duryodhana e Arjuna recorreram a Shri Krishna, que dormia, surgiu a questão de com o que cada um ficaria. Sozinho e desarmado, Shri Krishna iria com um, e não lutaria; mas daria um poderoso batalhão de tropas para o outro. Arjuna escolheu Krishna desarmado; Duryodhana escolheu a poderosa armada pronta para a luta; assim, a palavra do Avatara, de que Ele não lutaria, fora comprometida. Desarmado Ele foi à batalha, vestido com seu manto de seda amarela, e só com o chicote do condutor de carruagem em Sua mão; duas vezes, a fim de estimular Arjuna ao combate, Ele saltou da carruagem e seguiu com Seu chicote na mão como se fosse atacar Bhishma e matá-lo onde lutava. Cada vez Arjuna impediu-O, lembrando-Lhe de Suas palavras. Então veio o teste para o Rei Inocente, como muitas vezes o chamam; Shri Krishna quebraria Sua palavra para lhes dar a vitória? O Rei permaneceu firme. "Deste tua promessa", foi sua resposta, "e esta promessa não pode ser quebrada". Ele passara no teste; ele permanecera firme. Mas ainda havia uma fraqueza naquele nobre coração; ainda se ocultava uma fraqueza que ameaçava mantê-lo apartado de seu Senhor. A falta de poder de ficar absolutamente só no momento da provação, sempre o apelo a alguém mais forte que ele mesmo, a fim de que sua decisão pudesse ser mantida. Esta última fraqueza devia como que ser extirpada pelo fogo. Em um momento crítico da batalha chegou o rumor de que Drona estava conseguindo arrasar tudo à sua frente; que Drona era irresistível e que a única maneira de matá-lo seria espalhar a notícia de que seu filho estava morto, e então ele não lutaria mais. Bhisma matou um elefante que tinha o mesmo nome que o filho

de Drona, e disse no ouvido de Drona: "Ashvatthama está morto". Mas Drona não acreditaria a menos que o Rei Yudhishthira o dissesse. Então veio o teste. Diria ele uma mentira real mas uma verdade nominal, a fim de ganhar a batalha? Nem pelo pedido de seu irmão ele o faria. Ficaria ele firme na verdade completamente sozinho quando todos os que reverenciava pareciam estar do outro lado? O Grande Ser disse: "Diga que Ashvatthama foi morto". Deveria ele ter feito isso porque Ele, Shri Krishna, ordenara? Deveria ele contar uma mentira porque o reverenciado Ser assim aconselhara? Ah, não! Nem pela voz de Deus nem pela de homem a alma humana poderia fazer uma coisa que ela sabia ser contra Deus e Sua lei; e ela deveria permanecer sozinha no universo, antes do que pecar contra o que é certo. E quando a mentira foi dita sob a proteção daquela desculpa, quando Yudhishthira fez o que seu coração queria protegido pela ordem d'Aquele a quem reverenciava, então ele caiu, sua carruagem quebrou-se, e sofrendo e a miséria seguindo-o desde aquele dia até o fim, até que diante do Rei dos céus ele ficou sozinho, assumindo o dever de proteger até mesmo um cão acima mesmo de ordem divina ou da alegria do céu. E assim ele mostrou que aquela lição havia servido para sua purificação, e que o coração foi limpo da menor mancha de fraqueza. Mas os homens dizem: "Oh, Shri Krishna aconselhou contar uma mentira!". Meus irmãos, vocês não podem ver através da ilusão? O que há neste mundo que não seja Deus que faça? Não há vida senão a Sua, nenhum Eu senão o d'Ele, nada senão Sua vida em todo o Seu universo; e todo ato é um ato Seu, quando remontamos até o fundamento de tudo. Ele os havia advertido sobre esta verdade. "Eu", disse Ele, "sou a trapaça do embusteiro", assim como o canto do Veda. Uma estranha lição, difícil de ser aprendida, mas ainda assim verdadeira. Pois em cada fase de evolução há uma lição a ser aprendida. Ele ensina todas as lições; em cada ponto do crescimento em que o próximo passo está para ser dado, muitas vezes aquele passo é a experiência do mal, a fim de que o sofrimento possa queimar o desejo do mal do fundo do coração. E assim como a lâmina do cirurgião é diferente da lâmina do assassino, embora ambas possam cortar a carne humana, um corta para curar, o outro para matar; assim é a afiada lâmina do Supremo, quando pela experiência do mal e conseqüente dor Ele purifica o homem, diferente porque o motivo é outro do que gratificar a paixão fazendo o mal, ou andar fora da justiça para agradar a natureza inferior.

Por fim Ele Se mostra como Supremo; surge a forma Vaishnava, a forma universal, a forma que contém o universo. Mas ainda mais o Supremo é visto na profunda sabedoria do ensinamento, na constância de Sua caminhada pela vida. Soa estranho dizer que Deus é visto mais nesta última do que na outra, que a forma externa que contém o universo é menos divina do que a natureza perfeitamente constante, que não se desvia nem para a direita e nem para a esquerda? Leiam esta vida novamente com este pensamento em sua mente, o de um propósito seguido até o final não importando que forças pudessem agir do outro lado, e sua grandeza pode

aparecer.

O que Ele veio fazer? Ele veio para dar a última lição à casta kshatriya da Índia, e abrir a Índia ao mundo. Muitas lições foram dadas a esta grande casta. Sabemos que vinte e uma vezes ela foi eliminada, mas sempre se restabeleceu. Sabemos que Shri Rama apresentara a vida perfeita do kshatriya, como um exemplo que poderiam seguir. Eles não aprenderiam a lição, nem pela destruição nem pelo amor. Eles não seguiriam o exemplo nem pelo medo nem pela admiração. Então soou sua hora no sino do Céu, o toque de finados da casta kshatriya. Ele veio para eliminar esta casta e deixar dela somente remanescentes dispersos, espalhados sobre o solo Indiano. Ela tinha sido a espada da Índia, o muro de ferro que a cercara. Ele veio para despedaçar este muro, e para quebrar a espada para que não ferisse novamente. Ela tinha sido usada para oprimir e não para proteger. Tinha sido usada para a tirania em vez de para a justiça. Portanto Ele, que a deu, quebrou-a, até que os homens puderem aprender pelo sofrimento o que não puderam aprender pelo conselho. E no campo de Kuru a casta kshatriya lutou sua última grande batalha; quando a peleja terminou, de todos não restou ninguém senão um punhado. A casta jamais se recuperou de Kurukshetra. Não desapareceu completamente. Em alguns distritos encontramos famílias pertencentes a ela; mas vocês sabem muito bem que como uma casta, na maior parte da Índia moderna, ela escassamente será encontrada. Por que nos grandes conselhos pelo bem do mundo foi feito isso? Não só para ensinar a lição de uma vez por todas, para reis e governantes, de que se eles não governarem corretamente não deveriam em absoluto governar; mas também para deixar a Índia aberta para o mundo.

Como isto soa estranho! Deixá-la aberta à invasão? Ele que a amava, deixá-la aberta à conquista? Ele que a consagrou, Ele que santificou suas planícies e florestas com Sua passagem, e cuja voz reboou por toda sua extensão? Sim, pois Ele não julga como julgam os homens, e Ele vê o fim desde o início. A Índia como era antigamente, mantida isolada de todo o mundo, foi mantida assim para que pudesse ter o tesouro do conhecimento espiritual derramado nela e para fazer um vaso para contê-lo. Mas quando se enche um vaso, não o colocamos alto numa prateleira deixando os homens sequiosos pelo líquido que ele contém. O Poderoso encheu Seu vaso Indiano com a água do conhecimento espiritual, e enfim chegou o tempo em que a água devia ser vertida para matar a sede do mundo, e não ser deixada para matar a sede de somente uma nação, para o uso de só povo. Portanto o Amante de todos os homens veio, a fim de que a água da vida pudesse ser vertida; Ele derrubou o muro, para que o estrangeiro pudesse penetrar em suas fronteiras. Os Gregos penetraram, os Muçulmanos penetraram, invasão após invasão, invasão após invasão, até que os conquistadores que agora governam a Índia foram os últimos. Vocês vêem nisto somente declínio, somente miséria, somente que a Índia esteja

debaixo de uma maldição? Ah, não, meus irmãos! Isto que parece uma maldição por enquanto é para a cura do mundo e para a bênção do mundo; e a Índia pode muito bem sofrer por um tempo a fim de que o mundo possa ser redimido.

O que isto significa? Não estou falando politicamente, mas do ponto de vista do estudante espiritual, que está tentando entender como prossegue a evolução da raça. O povo que por último conquistou a Índia, que agora a dirige como governantes, são o povo cuja língua é a mais largamente disseminada de todas as línguas do mundo, e provavelmente se tornará a língua mundial. Ela não pertence somente àquela pequena ilha da Grã-Bretanha, pertence igualmente ao grande continente da América, ao grande continente da Austrália. Ela espalhou-se de terra a terra, até que esta única língua é a língua mais largamente entendida entre todos os povos do mundo. Outras nações estão começando a aprendê-la, porque os negócios e o comércio e mesma a diplomacia estão começando a ser feitos nesta língua Inglesa. Não admira então que o Supremo enviasse à Índia esta nação cuja linguagem está se tornando a língua mundial, e a deixasse aberta para ser feita parte deste império mundial, a fim de que suas Escrituras, traduzidas para a linguagem mais amplamente falada, possam ajudar toda a família humana e purificar e espiritualizar os corações de todos os Seus filhos.

Eis o objetivo mais profundo de Sua vinda, preparar a espiritualização do mundo. Não basta que só uma nação seja espiritual; não basta que só um país tenha sabedoria; não basta que só uma terra, por mais magnífica e por mais amada que seja - e eu não amo a Índia como apenas poucos de vocês a amam? - não basta que ela tenha o ouro da verdade espiritual, e o resto do mundo seja pobre esmolando um centavo. Não; muito melhor é que por algum tempo ela desça na escala das nações, a fim de que o que ela não pode fazer por si mesma possa ser feito pelos agentes divinos que estão sempre guiando a evolução do mundo. Assim o que de fora parece uma conquista e uma sujeição, para o olho do espírito parece como a abertura do templo espiritual, de modo que todas as nações possam vir e aprender.

Mas fica-lhes ainda um dever, uma responsabilidade. Eu ouço muito. Eu falo muitas vezes dos descendentes dos Rishis e do sangue dos Rishis em suas veias. É verdade, mas não é o bastante. Se vocês hão de ser novamente o que Shri Krishna intencionou que fossem em seus conselhos eternos, o brâmane das nações, o instrutor da verdade divina, a boca pela qual os Deuses falam nos ouvidos dos homens, então a nação Indiana deve purificar-se, então a nação Indiana deve espiritualizar-se ele mesma. Deveriam suas Escrituras espiritualizar o mundo enquanto vocês permanecem desespiritualizados? Deveria a sabedoria dos Rishis ir aos Mlechchas [estrangeiros - NT] em todas as partes do mundo, para seu benefício e proveito, enquanto vocês, os descendentes físicos dos Rishis,



não conhecem sua própria literatura a amam ainda menos do que a conhecem? Esta é a grande lição com que eu me contentaria encerrar. Isto é tão verdade que, a fim obter instrutores do Brahmavidya, que pertence à sua terra por direito de nascença, os grandes Rishis tenham que ter enviado alguns de seus filhos para outras paragens a fim de que pudessem voltar e ensinar sua própria religião no meio de seu povo. Esta vergonha não deveria ter um fim? Não deveria haver entre vocês alguns que novamente conduzissem a antiga vida espiritual, e seguissem e amassem o Senhor? Não deveria haver, não só aqui e ali, mas enfim que toda a nação demonstrasse o poder de Shri Krishna em Sua vida encarnada em vocês, o que de fato seria maior do que qualquer Avatara em particular? Não poderíamos esperar e rezar para que Seu Avatara seja a nação que encarna seu conhecimento, Seu amor, Sua fraternidade universal para cada homem que palmilha o chão da Terra? Abaixo os muros de separação, o desdém e a altivez e o ódio que separam Indiano de Indiano, e a Índia do resto do mundo. Que nosso lema de agora em diante seja o lema de Shri Krishna, aquele que diz que Ele encontra todo homem em todo caminho, então andemos também ao lado deles em todos os caminhos também, pois todos os caminhos são Seus. Não há caminho que Ele não trilhe, e se seguimos o Bem-amado que nos guia, devemos andar com Ele anda.

PAZ A TODOS OS SERES.

NOTA DO TRADUTOR: a maior parte das informações contidas nas Notas do Tradutor [NT] ao longo do texto foram retiradas do Glossário Teosófico de Helena P. Blavatsky, Ed. Ground, São Paulo, s.d. As informações que aparecem como Nota do Editor [NE] constam no original.